

Ministério

Uma revista para pastores e líderes de igreja

Julho-Agosto de 2010



**Evangelizando
com as portas
fechadas, p. 9**



Sábados, festas e lua nova

Novos argumentos favoráveis e contrários à observância dos festivais judaicos pelos cristãos, hoje, convidam a refletir sobre o tema

Desafios da conservação, p. 14

A família entre cinco revoluções, p. 29



Benefícios da assimilação

Em meados de 2005, enquanto eu ponderava sobre o chamado para unir-me à equipe da Associação Ministerial da Associação Geral, o pastor James Cress, então secretário ministerial, convidou-me a passar uma semana com ele e os secretários associados. Durante aquela semana, eu investi tempo em acompanhar as atividades de cada membro da equipe. Isso foi extremamente necessário, para que pudéssemos trabalhar em harmonia. Eu tinha que captar a visão ministerial da equipe. Necessitávamos desenvolver um senso de família.

Cada semana, nas igrejas em todo o mundo, homens e mulheres experimentam essa mesma situação. Enquanto lutava para decidir se mudaria de trabalho e me transferiria com a família para mais de mil quilômetros longe de outros familiares e amigos, compreendi a luta de muitas pessoas, no momento de decidir mudar de uma igreja em que mantêm relacionamentos enraizados, para outra congregação. Elas se sentem impulsionadas a captar uma nova visão de serviço e desenvolvimento de um novo senso de família.

Isso não acontece apenas com pessoas que se mudam de uma cidade para outra e precisam encontrar uma nova igreja, mas também com quem se transfere de uma denominação para outra, ou membros afastados que retornam à igreja.

Por assimilação, refiro-me ao processo de unir algo ou alguém a alguma coisa que já existe, possibilitando uma troca de experiências que levam ao crescimento das duas partes. Trata-se de um relacionamento simbiótico, isto é, todos os elementos contribuem mutuamente um com o outro, nutrindo um ao outro. Esse processo de assimilação gera benefícios para todos na igreja – para aqueles que entram nesse novo relacionamento bem como para aqueles que já fazem parte da igreja, há pouco ou muito tempo.

A assimilação leva ao fortalecimento espiritual. Muitos têm o pensamento de que os novos crentes devem ser alimentados automaticamente da espiritualidade que já existe na congregação. E, de fato, a igreja deve nutrir e

educá-los, e verdadeiramente o faz. Contudo, também é verdade que esses indivíduos, que podem ter vindo de outras congregações, são semelhantes àqueles novos irmãos participantes de sua nova congregação – crentes crescendo em Cristo que amam ao Senhor e desejam caminhar de acordo com a luz que possuem. Então, alguém deve ter a iniciativa de se aproximar deles, dialogar com eles a respeito de Deus, acompanhando o progresso desses novos irmãos em sua compreensão sobre Deus, e se alegrando em andar com Ele.

A assimilação permite que as pessoas se fortaleçam mutuamente através de seus dons espirituais. Minha família e eu temos sido abençoados desde que nos mudamos para Washington D.C., onde frequentamos a igreja de Dupont Park. Temos sido espiritualmente alimentados e ensinados como resultado dos vários ministérios ali desenvolvidos; não

apenas como resultado de pregação ou música, mas outros ministérios como, por exemplo, a unidade a que pertencemos na Escola Sabatina, com seu calor humano.

Mas, também temos dado nossa contribuição. Meu filho atua como diácono jovem, minha filha trabalha com os jovens, minha esposa cuida dos desbravadores e eu dirijo a classe bíblica para novos crentes. Estávamos procurando oportunidades para servir, e as encontramos.

A assimilação diminui as cargas sobre outros. Duas professoras da classe Rol de Berço da igreja de Dupont Park estão nessa atividade há mais de 40 anos. Quando nossa família se juntou a essa igreja, minha esposa se dispôs a ajudar naquela classe. Qual foi o efeito produzido? Três professoras dividiam entre si a carga, permitindo-se mutuamente descansar de vez em quando.

Como fazer para que alguém leve a carga de outro? Às vezes, isso é o maior desafio; mas o pastor consciente, desperto para as necessidades e o peso das cargas colocadas sobre os ombros dos heróis voluntários da igreja, fará seu melhor para que a igreja assimile os novos membros, recém-batizados ou transferidos, envolvendo-os nos vários ministérios. ▀

"A igreja deve acompanhar o progresso dos novos crentes em sua compreensão de Deus"

Editor:

Zinaldo A. Santos

Assistente de Redação:

Lenice F. Santos

Revisoras:

Josiéli Nóbrega e Rosemara Santos

Chefe de Arte:

Marcelo de Souza

Designer Gráfico:

Marcos S. Santos

Ilustração da Capa:

Thiago Lobo

Colaboradores Especiais:

Bruno Raso;

Nikolaus Satelmajer

Colaboradores:

Abimael Obando; Augusto M. Cárdenas;

Bolívar Alaña; Edilson Valiante; Feliz

Santamaria; Heriberto Peter; Horácio

Cairus; Ivanaudo B. Oliveira; Jair Garcia

Góis; Leonino Santiago; Luiz Martinez;

Montano de Barros Netto; Nelson Suci;

Samuel Jara; Valdilho Quadrado.

Diretor Geral:

José Carlos de Lima

Diretor Financeiro:

Edson Erthal de Medeiros

Redator-Chefe:

Rubens S. Lessa

SERVICO DE ATENDIMENTO AO CLIENTE

Ligue Grátis: 0800 979 06 06

Segunda a quinta, das 8h às 20h

Sexta, das 7h30 às 15h45

Domingo, das 8h30 às 14h

Site: www.cpb.com.br

E-mail: sac@cpb.com.br

Ministério na Internet:

www.dsa.org.br/revistaministerio

www.dsa.org.br/revistaelministerio

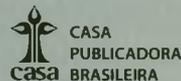
Redação: ministerio@cpb.com.br

Todo artigo, ou correspondência, para a revista *Ministério* deve ser enviado para o seguinte endereço:

Caixa Postal 2600 – 70279-970 – Brasília, DF

Assinatura: R\$ 47,60

Exemplar Avulso: R\$ 9,90



Editora dos Adventistas do Sétimo Dia
Rodovia SP 127 – km 106 – Caixa Postal 34
18270-970 – Tatuí, SP



Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução total ou parcial, por qualquer meio, sem prévia autorização escrita do autor e da Editora.



Das sombras para a realidade

Junto ao poço de Jacó, enquanto dialogava com a mulher samaritana sobre a verdadeira adoração, Jesus afirmou: “Vocês adoram o que não conhecem; nós adoramos o que conhecemos, pois a salvação vem dos judeus” (Jo 4:22, NVI). A declaração de que “a salvação vem dos judeus” resume a rica herança judaica recebida pelos cristãos. Por exemplo, temos em comum o mesmo Deus e a missão de proclamá-Lo a todos os povos (1Pe 2:9), a fé religiosa dos patriarcas que também incluía a esperança do Messias que acreditamos ter vindo na pessoa de Cristo Jesus, os Dez Mandamentos, além de outras instruções morais, dietéticas, sociais e espirituais.

Contudo, se existem semelhanças, também há diferenças ressaltadas nas Escrituras, especialmente no que tange à continuidade ou não da observância dos rituais e cerimônias com seus sacrifícios e festivais. Tal sistema, de caráter temporário, foi estabelecido por Deus com o propósito de ensinar Seu povo a exercer fé na realidade do Redentor vindouro, Sua morte vicária e Seu ministério intercessor no Santuário celestial. Ao entregar a vida no sacrifício oferecido no Calvário, expiou o pecado do mundo. Ressuscitado, ascendeu ao Céu e entrou para Seu ofício sacerdotal. Com isso, tornou realidade tudo o que os rituais, cerimônias e festividades simbolizavam. Ao se romper o véu do templo, no momento em que o Salvador expiou na cruz, a realidade substituiu a sombra, tornando antiquados e envelhecidos os tipos (Hb 8:13).

Porém, ultimamente, algumas igrejas têm debatido a pertinência da observância daquele sistema, ainda hoje, pelos cristãos. Essa não é uma questão nova. O capítulo 15 do livro de Atos relata o surgimento, administração e solução de grande controvérsia a respeito desse assunto. A conversão de gentios ao cristianismo, sem que observassem os rituais judaicos, motivou da parte de “alguns da seita dos fariseus que haviam crido” (At 15:5) e de outros cristãos judeus a exigência para que aqueles conversos também praticassem a circuncisão e observassem “a lei de Moisés”.

Em busca de orientação divina, apóstolos e presbíteros reuniram-se em Jerusalém. No fim das discussões, Pedro expressou seu entendimento de que o recebimento do Espírito Santo por um grupo de gentios, mesmo que esses não fossem observadores dos rituais exigidos, evidenciava a possibilidade de que alguém fosse salvo pela fé em Jesus, independentemente de colocá-los em prática (At 15:7-11). Isso envolve os cristãos de todos os tempos.

Assim, podemos viver jubilosamente confiantes nas realidades históricas da morte, ressurreição e do ministério sacerdotal de Cristo no Santuário celestial em nosso favor. A realidade dissipou a sombra; estamos sob o brilho da graça que “se manifestou salvadora a todos os homens” (Tt 2:11), inclusive judeus. ■

Zinaldo A. Santos

9 EVANGELIZANDO COM AS PORTAS FECHADAS

Que mensagem sua igreja transmite ao povo, mesmo quando está vazia e trancada?

13 ENTRE O DEVER E O PRAZER

Um convite para fidelidade à vocação pastoral.

14 DESAFIOS DA CONSERVAÇÃO

Pesquisa aponta necessidades dos novos membros e como satisfazê-las.



Foto: Shutterstock

17 SÁBADOS, FESTAS E LUA NOVA

Deveriam os rituais judaicos ser observados pelos cristãos ainda hoje?

21 INTEGRADOS NA ESPERANÇA

Como as instituições de saúde podem se envolver na missão evangelizadora.

23 NO TRIBUNAL DOS HOMENS

De que maneira deve o cristão agir diante das demandas judiciais.

26 A FAMÍLIA ENTRE CINCO REVOLUÇÕES

Mudanças ideológicas e comportamentais do mundo e sua influência na vida familiar.

30 DINOSSAUROS

Quais são as evidências da existência deles? O que aconteceu com eles?

2 SALA PASTORAL

3 EDITORIAL

5 ENTREVISTA

8 AFAM

33 MURAL

34 RECURSOS

35 DE CORAÇÃO A CORAÇÃO

“O trabalho bem-sucedido para Cristo não depende tanto de números ou de talentos, como da pureza de desígnio, da genuína simplicidade, da fervorosa e confiante fé.”

Ellen G. White

Cem anos em seis



Foto: Heron Santana

“Estamos vivendo numa época em que tudo começa a se definir em termos da realidade da volta de Jesus. Precisamos ser audaciosos”

por Heron Santana

Nos últimos cem anos, a Igreja Adventista do Sétimo Dia estendeu sua presença no nordeste do Brasil de modo impressionante. Igrejas, escolas, internatos e projetos avançaram especialmente nos grandes centros urbanos da região. Atualmente, são 3.200 congregações frequentadas por aproximadamente 320 mil fiéis.

Mesmo assim, ainda existem 650 municípios sem presença adventista. Eles têm como sede pequenas cidades, muitas delas de difícil acesso. A maioria dessas cidades é habitada por menos de dez mil habitantes. Estabelecer a presença da Igreja nessa região de grandes desafios econômicos e sociais é o fundamento da campanha “Terra de esperan-

ça”, a maior investida missionária da história da Igreja na região. O objetivo é alcançar todas essas cidades no espaço de seis anos. A base da ação conjuga um esforço de *marketing* e um apelo a grupos específicos da Igreja, permitindo a participação de todos na jornada missionária. Até o momento, 120 terrenos já foram adquiridos para a construção de tem-

plos em cidades incluídas no desafio. Nesta entrevista, o pastor Geovani Queiroz, 52 anos, presidente da União Nordeste-Brasileira, Uneb, fala sobre o crescimento da Igreja na região e explica os detalhes da campanha “Terra de esperança”. Natural de Quaraçú, BA, o pastor Geovani iniciou seu ministério em 1982. Foi obreiro bíblico e pastor distrital em São Paulo, diretor de Ministério Pessoal da Associação Paulista Sul, presidente da então Missão Mato-Grossense, da Missão Costa-Norte e da Associação Pernambucana, antes de ser nomeado, há sete anos, presidente da Uneb. Casado há 27 anos com Rosecler Linhares de Queiroz, tem dois filhos: Jônatas e Camila.

“Uma boa ideia pode apenas continuar sendo uma boa ideia, se não se tornar um movimento”

Ministério: Qual é o segredo para o crescimento da igreja no nordeste brasileiro?

Geovani: Graças a Deus, a igreja tem crescido de maneira extraordinária em nossa região. Não podemos definir como sendo um segredo apenas. Em primeiro lugar, creio que está a bênção de Deus. Ele quer que a igreja cresça; é Sua igreja e Ele tem interesse no seu crescimento. Deseja que ela cumpra sua missão. Então, em primeiro lugar, atribuo todas as conquistas à bênção e à vontade do Senhor. Depois, podemos enumerar outros motivos. Por exemplo, a história dos pequenos grupos. Hoje, estamos com 14 mil pequenos grupos. Há uns doze anos, sob a liderança do Pastor Helder Roger Cavalcante, que atualmente é presidente da União Centro-Oeste Brasileira, os pequenos grupos começaram a ser implantados na União Nordeste. Sem dúvida nenhuma, o crescimento e solidificação

desse projeto divino impulsionaram o crescimento da Igreja em nosso território. Levamos aproximadamente cem anos para estabelecer cerca de três mil igrejas. Em onze anos, foram implantados 14 mil pequenos grupos, ou seja, 14 mil igrejas nos lares. Essas pequenas células muito contribuíram para o desenvolvimento da igreja nesta região.

Ministério: Quais são as novas demandas que surgem para a igreja, a partir do crescimento proporcionado pelos pequenos grupos?

Geovani: Com o surgimento acelerado dos pequenos grupos, as pessoas foram sendo batizadas. Temos batizado uma média de 35 mil a 40 mil pessoas por ano. Com esse crescimento dos pequenos grupos e dos batismos, surgiu a necessidade de plantar novas igrejas. Então, nos últimos cinco anos, lançamos o desafio de construir mil novas igrejas. Ou seja, cada pastor distrital plantaria uma igreja por ano. Logo, na soma, esperaríamos o surgimento de mil congregações. Graças a Deus, o projeto deu certo. Tivemos o crescimento de 1.083 novos templos entre 2005 e 2009.

Ministério: Agora, existe um novo desafio, a campanha “Terra de esperança”. Fale sobre este projeto.

Geovani: A igreja desta região tem como característica a imediata receptividade a grandes apelos missionários. Sendo assim, entendemos que ela não pode existir sem um grande desafio. A igreja continua plantando novas congregações, num ritmo irrefreável. Então pensamos em um novo desafio. O nordeste brasileiro tem cerca de 1.600 municípios. Durante aproximadamente cem anos, o adventismo chegou a mais de mil municípios, formando uma igreja pujante. Por exemplo, você vai a Salvador, capital da Bahia, e encontra mais de 300 congregações. Chega

ao Recife, capital de Pernambuco, e encontra aproximadamente 200 congregações. Em Itabuna, cidade do interior baiano, existem 50 igrejas. Estamos presentes em aproximadamente mil cidades. Porém, restava uma preocupação. Embora estando presentes em mil municípios, com cerca de 3.200 congregações espalhadas pela região, constatamos que ainda temos aproximadamente 650 cidades sem presença da Igreja. Para você ter uma ideia, somente no estado do Piauí, existem uns 280 municípios sem adventistas. Na Paraíba, são 185 cidades nessa condição. Essa é a nossa “janela 10/40” (termo que designa uma faixa geográfica entre a Ásia e o Oriente Médio que se constitui o maior desafio mundial para o cristianismo). Pois bem, desafiamos a igreja para estabelecer o adventismo em 650 cidades, entre 2010 e 2015. Existem aproximadamente sete milhões de pessoas nessas cidades. Nosso sonho é que esse povo conheça o adventismo num período de seis anos. Trata-se de um projeto arrojado, mas estamos vivendo numa época em que todas as coisas começam a se definir em termos da proximidade da segunda vinda de Cristo, e precisamos ser audaciosos mesmo. Estamos otimistas quanto ao sucesso do projeto.

Ministério: Qual é a estrutura do funcionamento desse projeto?

Geovani: Se eu pensar sozinho em estabelecer igrejas em 650 municípios, sei que não vou conseguir. Mas, tenho uma igreja com aproximadamente 320 mil membros. Estou chamando-os a participar ativamente com seu tempo, vigor e recursos para alcançar esse objetivo. Criamos um contingente de 14 grupos mantenedores. Esses grupos são o motor, o cérebro do projeto, com liderança própria e que ficam encarregados de providenciar meios para iniciar a evangelização e estabelecer as igrejas.

Ministério: De que maneira específica esses grupos mantenedores atuam?

Geovani: Cada grupo ficou responsável por pelo menos quatro municípios. Os grupos são segmentados. Temos grupos formados por administradores, tesoureiros, escolas, colportores, desbravadores e outros. Sinto que eles começaram o projeto com uma força muito grande. Os presidentes dos Campos formaram um grupo mantenedor que, inclusive, já inaugurou uma igreja em Santa Luz, PI, no mês de abril. Os secretários formam o segundo grupo. Outro grupo é composto pelos pastores distritais. O pessoal dos escritórios também forma grupos de mantenedores. Os desbravadores, as mulheres e os colportores de cada Campo formam grupos mantenedores. Eles ficam responsáveis pela elaboração da estratégia, captação de recursos para manter os obreiros que passarão a morar nas cidades, pagamento de aluguel, compra de terrenos e por iniciar a construção dos templos.

Ministério: Quem são esses obreiros e em que base eles se mudam para a cidade a ser evangelizada?

Geovani: Além dos grupos mantenedores, necessitamos de obreiros que residam nesses municípios, a fim de realizar o trabalho de evangelização e levar pessoas ao batismo. Quando se começa um projeto de Missão Global, é preciso ter pessoas dispostas a viver no meio do povo a ser conquistado, aprendendo seus costumes e interagindo com ele. Fizemos um convite para um grupo especial de voluntários, formado por aposentados, colportores, profissionais autônomos, pessoas dispostas a se mudar para as cidades-alvo como evangelistas. Foi grande nossa surpresa, ao vermos no primeiro encontro

de treinamento um grupo de cem pessoas dispostas a atender o apelo. Esses irmãos passaram uma semana em treinamento, conhecendo técnicas missionárias, marketing pessoal, relacionamento humano e outras orientações. Depois disso, começamos a enviá-las para as primeiras cidades. Agora, no início deste semestre, estamos enviando um segundo grupo de cem pessoas.

"Sob a graça divina, estamos dando passos largos para o cumprimento global da missão que nos foi confiada"

Ministério: De que maneira os grupos mantenedores colaboram? Eles doam dos próprios recursos ou também recorrem a outras fontes?

Geovani: Uma boa ideia pode continuar sendo apenas uma boa ideia, se não se tornar um movimento. Sem uma grande mobilização, pouco ou nada acontecerá. Por isso, tomamos algumas providências. Primeiramente, fizemos dez mil revistas com todas as informações sobre o projeto, que estão sendo distribuídas com o propósito de divulgá-lo. Também preparamos um documentário em DVD, contando a história do adventismo, desde seu início em Gaspar Alto, Santa Catarina, e sua expansão pelo Brasil. É um documentário de aproximadamente 25 minutos, inspirador, preparado por uma equipe de profissionais qualificados. Já foram distribuídas mais de onze mil cópias desse DVD, no Brasil e no exterior. Tudo isso tem como objetivo tornar o projeto conhecido e motivar as pessoas a contribuir de alguma forma.

Ministério: Poderíamos dizer que esta é uma oportunidade que tem a igreja adventista do nordeste, forte nos

grandes centros urbanos, de imitar seus pioneiros do século passado na evangelização de áreas remotas?

Geovani: Sem nenhuma dúvida. Aqui no nordeste, temos uma história maravilhosa de pioneiros. São os casos do pastor Plácido da Rocha Pita, desbravador das barrancas do rio São Francisco e do sertão da Bahia, do colportor Luís Calebe, pioneiro no sertão de Pernambuco e outras regiões em que imperava o preconceito contra evangélicos, e de tantos outros que se sacrificaram, dando suor e sangue, investindo a própria vida na tarefa de evangelizar a região. Indubitavelmente, esses pioneiros representam grande inspiração. Se hoje temos uma igreja pujante, temos que agradecer a esses irmãos. Os 650 municípios que desejamos alcançar nestes seis anos têm como sede pequenas cidades, a maioria delas com população inferior a dez mil habitantes. Na verdade, temos a grande oportunidade de sair dos grandes centros urbanos e levar a salvação aos territórios mais remotos.

Ministério: Quais são as expectativas que o senhor alimenta quanto ao futuro da igreja adventista nesta região?

Geovani: Antevejo um futuro brilhante! Atualmente, somos 320 mil membros distribuídos em mais de 3.200 congregações, dez Associações e Missões. Sob a graça divina, estamos dando passos largos para o cumprimento global da missão que nos foi confiada por Jesus Cristo. Então, queremos recebê-Lo em glória e, com Ele, viver a eternidade. Nosso projeto tem como slogan "100 anos em seis". Como Igreja, não queremos passar mais cem anos na Terra. Desejamos ir logo para o Céu. Por isso, temos pressa; e aquilo que aconteceu nos cem anos passados, queremos fazer nos próximos seis, para honra e glória do nosso Deus. ■



O milagre da bicicleta

“Visualize as bênçãos escondidas nas aparentes tragédias e não perca tempo alimentando lembranças de coisas ruins que aconteceram no passado. Dê graças a Deus, tudo passou”

De onde veio esta bicicleta?” Essa foi a pergunta que logo me veio à mente, naquela noite de quarta-feira em que minha filha e eu nos dirigíamos de carro para a igreja. Morávamos em Porto Velho, Rondônia. O trânsito estava calmo, nosso carro era o primeiro parado diante do sinal vermelho do semáforo, numa das avenidas daquela capital. À minha esquerda, ficava a estação rodoviária e, à direita, uma agência bancária.

Sempre que estou com o carro parado diante do sinal, costumo verificar bem se há algum pedestre querendo atravessar a rua, motocicleta vindo em minha direção ou algum “amigo do alheio” esperando a oportunidade para atacar. Mas, naquele dia, o sinal verde abriu, engatei a primeira marcha e... como que do nada, apareceu uma bicicleta e cruzou à frente do carro.

Bênção depois da tragédia

Alguma vez você teve a impressão de que uma ocorrência inesperada lhe surpreende apenas para causar algum atraso em seus planos? Você acorda cedo para ir trabalhar e, quando está de saída, o suco derrama em sua roupa. Está se dirigindo para cumprir um importante compromisso e, no meio do caminho, descobre que estão realizando obras na pista. Você precisa chegar cedo à igreja, providencia o banho e a alimentação das crianças, mas, quando vai sair, percebe que tem de trocar a fralda do bebê. “Isso é trabalho do inimigo”, você pensa. Porém, já imaginou que pode ser providência de Deus?

Ao olhar para a vida, o que você vê? Pode ser aquele namoro que não deu certo, lhe causando muito sofrimento; porém, Deus enviou alguém especial com quem você formou um lar muitíssimo feliz. E aquela transferência para uma cidade que não lhe agradava? Você não queria ir, inicialmente foi muito ruim, mas depois descobriu ser um ótimo lugar para viver, trabalhar e conviver com pessoas maravilhosas. Pode ser um amigo que traiu sua confiança. Deve ter sido uma experiência horrorosa, mas você percebeu quem são seus verdadeiros amigos.

Agora que você visualizou as bênçãos escondidas nas aparentes tragédias, não perca tempo alimentando lembranças de coisas ruins que fazem parte do passado. Dê graças a Deus, tudo passou. Elas cumpriram seu papel em fazer de você o que você é hoje.

Deus no controle

Mateus 10:29-31 é um lindo texto bíblico. Nele, Jesus Cristo fala de modo poético e objetivo a respeito do cuidado de Deus para com o ser humano: “Não se vendem dois pardais por um asse? E nenhum deles cairá em terra sem o consentimento de vosso Pai. E, quanto a vós outros, até os cabelos todos da cabeça estão contados. Não temais, pois! Bem mais valeis vós do que muitos pardais”.

Que seus olhos sejam abertos para que você possa enxergar, agora, o que não consegue. Se você ainda não pode entender as razões pelas quais muitas situações adversas têm lugar em sua vida, espere até que veja as bênçãos que Deus lhe tem reservado. Jamais duvide da proteção de Deus. Confie sempre, ainda que nem tudo fique perfeitamente esclarecido, durante a jornada terrestre. Nesse caso, espere confiante até chegar ao Céu e fazer todas as perguntas a Deus. Ele esclarecerá todas as dúvidas.

Pisei firme no freio, para não atropelar o ciclista. O sangue “ferveu” e respunguei baixinho: “O que este homem está pensando da vida?” Minha filha dormia tranquila na cadeirinha no banco traseiro. Engatei novamente a primeira marcha e continuei meu trajeto. Percorri aproximadamente três metros e tive que frear de novo. Um caminhão cheio de toras de madeira tinha acabado de cruzar o sinal que, para ele, estava vermelho. Se não fosse o pequeno atraso causado pela bicicleta, eu chegaria em tempo de ser atingida pelo caminhão. Assustada e tremendo “como vara verde”, olhei para os lados, mas a bicicleta havia sumido. Apenas pude agradecer a Deus por tê-la feito atravessar meu caminho. ■



Aluno de PhD em
Missiologia na Andrews
University, Estados Unidos

Evangelizando com as portas fechadas

*Como nossas igrejas abraçam os adoradores?
O que pregam para a comunidade, mesmo
quando não há ninguém lá dentro?*

Ultimamente, especialistas em crescimento de igreja têm olhado a experiência do cristão de modo mais amplo, incluindo até seu relacionamento com as estruturas físicas. "Igrejas que crescem também dedicam significativa quantia de tempo se preparando para receber companhia – os visitantes. Para elas, isso envolve atividades como preparar um culto atrativo, organizar equipes

de recepção, limpar as dependências do templo, oferecer refrescos e, principalmente, criar um ambiente acolhedor. Essas igrejas acreditam que só têm uma chance de causar uma primeira impressão, e querem que os visitantes sintam uma atitude amistosa de boas-vindas."¹

A necessidade de um distrito no interior de São Paulo, em 2007, me despertou para a importância de

melhor compreensão do papel da estrutura física da igreja na vida dos membros e da comunidade. Das cinco igrejas do distrito, três estavam em construção. Por diversos fatores, essas igrejas estavam em obras, em média, havia dez anos. Uma tinha sido inaugurada dois anos antes, mas ainda precisava ser finalizada. A outra havia sido inaugurada há

mais tempo e não necessitava ser construída. Cada uma estava num estágio diferente do processo, mas tinham algo em comum: a influência daquela condição sobre os membros e a comunidade.

Posteriormente, percebi que aquela não era uma situação isolada, já que as estatísticas apontavam para uma tendência geral. No início do ano passado, o jornal *O Globo* divulgou que “a cidade de São Paulo ganhou, em média, um novo templo religioso a cada dois dias, nos últimos quatro anos”. Números da prefeitura apontavam 3.584 templos e igrejas. Quatro anos antes, havia 2.675, o que significa um acréscimo de 227 igrejas a cada doze meses. Na ponta do lápis, há um local de oração para cada três mil moradores dessa metrópole.² Essa avalanche de construções a adaptações de edifícios destinados ao culto e ao evangelismo é consequência da expansão das denominações, combinada com incentivos fiscais e uma reflexão maior sobre a influência da estrutura física nos crentes. Isso ocorre em todos os lugares, em maior ou menor ritmo.

Neste artigo, pretendo estimular a discussão sobre a influência significativa do aspecto físico das igrejas locais na experiência dos adoradores e no testemunho. Se você está plantando uma igreja; ou ela está em processo de reforma ou construção; ou talvez jamais tenha sido finalizada; ou mesmo se há muito tempo não se tem preocupado com a aparência; estas reflexões talvez se tornem um incentivo para você e sua igreja.

Teologia do espaço

O espaço influencia o ser humano. Os projetistas comerciais há muito têm se dedicado a entender esse relacionamento. Numa loja ou supermercado, a sequência das prateleiras e a disposição dos produtos são calculadas e estudadas para que consumidores sejam expostos ao maior número de produtos e sejam “tentados” a comprar mais do que a intenção inicial.

Na Bíblia, os espaços designados para a adoração foram projetados com intenções claramente definidas. Seja no tabernáculo ou nos templos, o tamanho, a matéria-prima, a decoração, tudo contribuía para o objetivo final. Posteriormente, as catedrais se tornaram exemplos de projetos com características voltadas para o propósito de adoração, com plantas em formato de cruz, posicionamento em relação à iluminação do sol, características verticais exteriores (torres, abóbadas, pináculos), móveis, entre outras partes.

Richard Kieckheffer aponta que a arquitetura das igrejas é condicionada pelas preferências estéticas, as atividades, a identidade eclesial, a etnologia, os valores, mas também, pela teologia. Segundo ele, podemos analisar os vários aspectos de estrutura física de uma igreja, de acordo com três modelos básicos de arquitetura eclesial, em quatro categorias: dinâmica espacial, foco centralizador, impacto estético e ressonância simbólica.³

Paul L. Metzger, professor de teologia cristã e teologia da cultura, sugeriu recentemente que devemos pensar

além da capacidade da igreja e considerar como os espaços estão formando, reforçando e até transformando os valores daqueles que neles penetram.⁴ Como parte dessa discussão, a teologia do espaço poderia considerar a apresentação de atributos divinos como beleza, harmonia, detalhismo, reverência e santidade, mas certamente um aspecto se torna central: a proximidade de Deus. Jesus explicou esse princípio na conversa com a mulher samaritana (Jo 4:21-24).

Deus criou o ser humano para um relacionamento próximo. Buscou manter esse ideal em relação ao povo de Israel através da construção do tabernáculo (Êx 25:8). Ofereceu a salvação através da Sua encarnação (Jo 1:14). E possibilitou que cada pessoa se tornasse um templo do Espírito Santo (1Co 3:16, 17). A igreja continuou se reunindo nas dependências do templo (At 2:42-47). Chegará o dia em que Deus novamente poderá se reunir face a face com Seu povo (Ap 21:3). Essa centralidade da presença de Deus é chamada, por Mark Torgeron, de arquitetura da imanência, por causa da ênfase teológica intencional na presença de Deus na arquitetura, e expressada através do Seu povo.⁵

“O líder habilidoso estudará não somente seu programa, mas aqueles para quem eles ministrará, e então planejará tudo para suprir as necessidades do grupo. Não somente o programa precisa ser planejado, mas a aparência da casa de adoração em si é importante. Nada deve distrair os adoradores... Organismos físicos dependem da atmosfera. Sem atmosfera eles morreriam.”⁶

Padrões básicos de arquitetura eclesial/uso litúrgico

	Sacramental clássico	Evangélico clássico	Comunal moderno
Dinamismo espacial	Espaço longitudinal para procissão e retorno	Auditório para proclamação e resposta	Espaço transicional para encontros e cultos
Foco centralizador	Altar para sacrifício	Púlpito para pregação	Múltiplos e móveis
Impacto estético	Disposição dramática para experiência da imanência e transcendência	Disposição dignificada para edificação	Disposição hospitaleira para celebração
Ressonância simbólica	Alta	Baixa	Moderada

Usando esse termo para nossa vida espiritual, Ellen G. White afirma que todos os nossos encontros “deveriam estar envolvidos com a atmosfera do Céu”.⁷

Portanto, é o momento de questionar: Como a adoração, nas suas igrejas, é influenciada pela sua teologia do espaço?

Evangelismo arquitetural

Recentemente, a influência da arquitetura eclesiástica passou a ser estudada não somente em relação à adoração, mas também em relação ao evangelismo. Em 2005, Aaron Zephir, da Escola de Arquitetura da Universidade de Maryland, Estados Unidos, desenvolveu uma tese sobre o evangelismo arquitetural, buscando explorar como uma igreja pode comunicar sua missão e seus valores numa sociedade cada vez mais secular.⁸

Os extremos na visão sobre o modo de ser uma igreja apontam para o prédio imponente, com rampas, escadas e pequenos vitrais ou para um prédio de quatro paredes que simplesmente proteja as pessoas da chuva, durante o culto. A nova versão dessa segunda ideia são os galpões que comportam muitas pessoas para que entrem e permaneçam durante os poucos minutos do culto, indo embora imediatamente.

De um lado, ficam as catedrais que apresentam um Deus transcendente e impessoal; do outro, os edifícios voltados exclusivamente para a celebração das pessoas, esquecendo-se da razão do encontro. Moyra Doorly chega a dizer que “a era moderna testemunhou a construção das igrejas mais banais e não inspiradoras de toda a história”.⁹

O ideal está num modelo equilibrado, que seja funcional e, ao mesmo tempo, capaz de favorecer a inspiração. Esse local deve denotar a intenção das escolhas, comunicar a história de Cristo e apontar para a esperança da Sua segunda vinda. Tem que inspirar o adorador a se aproximar de Deus e ainda ser receptivo para abraçar a comunidade. Por isso,

“deveríamos privilegiar um conceito mais utilitarista para os locais ou edifícios que servem à igreja. Hoje a igreja precisa de locais de uso múltiplo, abrangentes, simples e funcionais. Em vez de templos, necessitamos de centros de evangelismo, comunhão e serviços comunitários”.¹⁰

O que foi uma tendência na era moderna, a de minimizar ou excluir a maioria dos símbolos cristãos sagrados, deixou de ser relevante no pós-modernismo. Os mais jovens são atraídos por um envolvimento mais integral na adoração. Um estudo da *LifewayResearch* demonstrou que, para 54% das pessoas, a arquitetura impacta sua experiência (22% disseram que o impacto é forte).¹¹

Embora somente a arquitetura de uma igreja não possa determinar completamente a experiência de alguém, ela pode provocar associações e facilitar a revelação de verdades e a integração com as pessoas. Os edifícios semiconstruídos ou em obras por vários anos, do distrito anteriormente mencionado, desanimavam os membros no planejamento de maiores esforços evangelísticos, não facilitavam os convites dos amigos para conhecerem a igreja nem retratavam com fidelidade o Deus adorado naqueles ambientes.

“A maioria das pessoas que passam na frente de uma igreja nunca entra. Mas elas formam uma impressão da igreja através da igreja física. Existem perguntas que surgem na mente das pessoas, consciente ou inconscientemente: ‘Este prédio e seu propósito são relevantes para mim? Ou de nenhum interesse particular?’ As pessoas estão inclinadas a imaginar se a instituição que o prédio representa tem algo a dizer para elas que valha a pena escutar.”¹²

Buscando mudar essa situação, uma outra igreja em que trabalhei, nos Estados Unidos, decidiu sair num determinado sábado para agradecer os mais próximos pela boa vizinhança e convidá-los a conhecer a igreja. Não que o prédio fosse novo, mas que ele nunca estivera à dispo-

sição deles. Em 2005, foi feito um esforço junto à Secretaria Municipal de Cultura, Esporte e Turismo de Campinas, SP, para incluir a igreja adventista central no roteiro turístico da cidade, por causa de sua arquitetura atrativa e localização estratégica no miolo da cidade.

As igrejas precisam ser construídas onde as pessoas estão. Elas devem facilitar o encontro de umas com as outras, a comunhão dos irmãos. Além da localização, várias igrejas têm salas, auditório e quadra que podem ser utilizados pela comunidade para programas que não aconteçam em horários de culto, como aulas para adultos, treinamentos comunitários, campanhas de vacinação, reuniões da associação de moradores do bairro, e outras atividades.

Em 1976, Neville Clouten, doutor em arquitetura, expôs na revista *Ministry* um projeto que refletia essa compreensão sobre o papel da arquitetura eclesiástica, para a igreja adventista Golden Coast, em Queensland, Austrália. Nesse projeto de construção, ele trabalhou com seis princípios: 1) Expressar a crença em Cristo como resposta para todos os problemas; 2) refletir a missão da Igreja Adventista do Sétimo dia; 3) enfatizar a disposição dos membros em testemunhar para o mundo e congregar como adoradores; 4) criar uma atmosfera que atraia o mundo, em vez de repeli-lo; 5) relacionar com o clima da localização geográfica específica; 6) economizar nos espaços, onde for possível.¹³

Segundo o arquiteto Mel McGrovan, outro especialista em projetos de igrejas, a pergunta mais importante é: “Para quem estamos projetando esta igreja?” Ele conclui: “Tenho me convencido de que as paredes da igreja são a maior barreira entre a igreja e os de fora, os perdidos e os salvos, Cristo e a comunidade.”¹⁴

“A construção da igreja é uma ajuda ou um empecilho primordial para a construção do Corpo de Cristo. E o que o prédio diz, frequentemente, proclama algo completamente con-

trário àquilo que estamos buscando expressar através da liturgia. O prédio sempre vai ganhar – a não ser e até que o façamos dizer algo diferente.”¹⁵

“Em se despertando qualquer interesse numa vila ou cidade, esse interesse deve ser apoiado. Os lugares devem ser completamente trabalhados, até que se erga uma humilde casa de culto como sinal, como monumento do sábado de Deus, como uma luz entre as trevas morais. Esses monumentos devem aparecer em muitos lugares, como testemunhos da verdade.”¹⁶ “Não temos nenhuma ordem de Deus para construir um edifício que se compare ao templo em riqueza e esplendor. Mas cumpre-nos construir uma humilde casa de culto, simples, correta e perfeita em sua construção.”¹⁷

Somente construir ou reformar uma igreja não vai resultar em crescimento automático. E nenhuma igreja está verdadeiramente pronta para lidar com assuntos de propriedade e construção até que tenha desenvolvido uma estratégia detalhada de crescimento. Mas, ignorar o aspecto físico, como se não existisse relação nenhuma com o desenvolvimento e crescimento da igreja, também é um erro. Estudos mostram que o espaço e o prédio são fatores importantes em padrões de crescimento sustentável.¹⁸

Nesse contexto, o arquiteto Gary Nicholson sugere que a estrutura física é uma ferramenta para fazer a igreja crescer, e é importante que seja a ferramenta certa para o projeto certo.¹⁹ Se a igreja toda estiver consciente da necessidade de criar uma imagem do local de adoração que amamos (na mente dos amigos, vizinhos e da comunidade em geral), então poderá ocorrer um impacto que jamais imaginamos.²⁰ “Livraria, exposições, cursos, escritório de aconselhamento pastoral, sala de música, sala de vídeo, capela de oração e tudo o mais que possa facilitar a comunicação integral do evangelho, ampliar as oportunidades de con-

vivência entre os membros e atrair a comunidade na qual a igreja está inserida, devem ser considerados elementos de missão.”²¹

O segundo grupo de perguntas de maior impacto, portanto, é: Como a comunidade vê a sua igreja? A aparência da sua igreja convida ou rejeita a comunidade? Qual tem sido a contribuição da arquitetura da sua igreja no evangelismo?

“A construção da igreja é uma ajuda ou um empecilho primordial para a construção do Corpo de Cristo”

Além da estética

Após dois anos, quando as quatro igrejas daquele meu distrito foram terminadas e a quinta foi reformada, com o apoio da Associação e da União, doadores externos e membros das igrejas, o impacto sobre eles e na comunidade foi visível. Aumentou a frequência aos cultos, planos foram desenvolvidos pelos oficiais, mais reverência e zelo foram demonstrados. A comunidade não escondeu a curiosidade. As autoridades locais também manifestaram apreço pelo desenvolvimento da igreja. Em tudo isso, vimos uma atmosfera renovada e propícia para o cumprimento da missão. Christian Schwarz menciona que essa espiritualidade contagiante é um dos fatores que mais influenciam as igrejas no seu crescimento.²² Esse é um resultado da santa reverência com a qual nos deparamos quando estamos na presença de Deus, o *misterium tremendum*, a mais profunda experiência humana.²³

“Riqueza ou elevada posição, caros equipamentos, arquitetura ou mobiliários, não são essenciais ao progresso da causa de Deus; tampouco as realizações que atraem o aplauso das pessoas e fomentam a vaidade. As exibições mundanas, conquanto imponentes, são de nenhum valor aos olhos de Deus. Acima do que é visível e temporal, Ele aprecia o invisível e eterno.

O primeiro só tem valor na medida em que exprime o segundo. As mais belas produções de arte não possuem beleza que se possa comparar à beleza de caráter, que é o fruto da operação do Espírito Santo na pessoa.”²⁴

Fico imaginando o poder do testemunho produzido pela igreja que tem Jesus como a pedra angular, fundamento “no qual todo o edifício, bem ajustado, cresce para santuário dedicado ao Senhor, no qual também vós juntamente estais sendo edificados para habitação de Deus no Espírito” (Ef 2:21, 22) e que prega através daqueles que fazem parte do corpo, enquanto esses vão em busca dos perdidos. A igreja educa a mente, mas deve educar também os sentidos.²⁵ Os olhos veem os revestimentos e não são direcionados para o conflito cósmico concreto. A mão é obrigada a encontrar outra mão, muitas vezes, num cumprimento frio que não lembra, nem de longe, as mãos dadas do Salvador ou as mãos esperançosas dos vizinhos necessitados. O nariz é despertado pelo odor de mofo de um local que fica fechado durante a maior parte da semana e encobre a fragrância da vitalidade de um corpo que exala o perfume do evangelho. Os ouvidos são obstruídos pelo nível de ruído e não atentam para o som das águas e a harmonia das vozes que introduzem o adorador à realidade eterna.

No fim de 2008, havia 6.109 igrejas e 6.306 grupos adventistas no Brasil,²⁶ nem todos com sede própria. Que oportunidade de apresentar a mensagem numa realidade multidimensional, transformando as palavras em realidade que apele consistente, coerente e persistentemente àqueles que avistam e entram na igreja de Deus! ■

Nota: Devido à limitação de espaço, o autor disponibilizou três recursos práticos complementares relacionados à implementação desses conceitos (“Cinco princípios práticos”; “Dez aspectos de um local de adoração apropriado”; “Pesquisa sobre aspecto físico da igreja”), e também as referências bibliográficas no seguinte endereço: <http://mediasarticulos.blogspot.com/2010/03/recursos-complementares-para.html>



REFLEXÃO

Entre o dever e o prazer

“O trabalho bem-sucedido para Cristo não depende tanto de números nem de talentos, como da pureza de desígnios, da genuína simplicidade, da fervorosa e confiante fé”

Existe uma linha muitíssimo tênue entre um indivíduo que é excelente profissional da carreira que escolheu para a vida e aquele que se revela altamente vocacionado para uma tarefa. Na realidade, são muito parecidos e estão presentes em todos os ramos de atividade. Mas, o tempo se encarrega de expor os indícios que os distinguem. Enquanto o primeiro executa suas atividades impulsionado por mera obrigação, o segundo as cumpre também pelo senso do dever, mas, sobretudo com prazer.

No ambiente ministerial, também podemos encontrar aqueles a quem podemos identificar como pastores profissionais e pastores vocacionados. Os primeiros trabalham por mera obrigação. Os últimos são caracterizados pela prazerosa diligência no desempenho de suas tarefas. E a cada um de nós compete escolher imitar um desses dois modelos. No primeiro caso, a prioridade parece ser o cuidado de si mesmo em detrimento das responsabilidades de alimentar, instruir e defender dos lobos devoradores o rebanho que lhe

foi confiado por Jesus. Geralmente, o representante desse modelo alimenta exacerbada aspiração pelo poder, mostra-se exibicionista, nutre ciúmes em relação aos companheiros, cumpre o programa estabelecido e fica demasiadamente frustrado quando não recebe aplausos pelos seus feitos.

Em contrapartida, o segundo modelo pastoral anteriormente citado, independentemente da função que ocupa, cumpre seu papel com alegria, singeleza de coração, sinceridade, incondicional e altruisticamente, impulsionado pela contínua conscientização da soberana vocação recebida do Senhor e priorizando a aprovação dEle, pois “todos serão chamados a prestar contas estritas de seu ministério... Aquele que for encontrado fiel receberá um rico galardão” (Ellen G. White, *Patriarcas e Profetas*, p. 192).

Caso tenhamos sido tentados a ser apenas parcialmente íntegros no exercício da suprema vocação graciosamente outorgada por Deus, podemos dar meia-volta e, sob a guia do Espírito Santo, construir uma nova realidade. Nesse sentido, são válidos

todo esforço e disposição. Nosso chamado foi, primariamente, originado no trono de Deus. A liderança terrestre da igreja apenas o ratificou.

Manter-nos fiéis à unção divina se constitui o caminho certo para genuíno crescimento pastoral, o que não significa necessariamente galgar elevadas funções institucionais, desfrutar popularidade e receber aplausos humanos. A posição não faz o homem. “Não são as grandes coisas que todos os olhos vêem e toda língua louva, que Deus considera mais preciosas” (Ellen G. White, *O Desejado de Todas as Nações*, p. 615). “O trabalho bem-sucedido para Cristo, não depende tanto de números ou de talentos, como da pureza de designio, da genuína simplicidade, da fervorosa e confiante fé” (Ibid., p. 370).

Portanto, sejamos diligentes, trabalhando com alegria, pois “não é o resultado que atingimos, mas os motivos por que procedemos, que têm valor para com Deus. Ele preza a bondade e a fidelidade acima de tudo mais” (Ellen G. White, *Obreiros Evangélicos*, p. 267). ▀



Professora associada emérita no Seminário Teológico da Universidade Andrews

Desafios da conservação

Quarenta e um pastores opinam sobre o trabalho de manter novos conversos na igreja



Divisões, Uniões e Campos locais têm estabelecido anualmente seus alvos de batismos. Porém, esses alvos trazem à tona uma significativa pergunta: Estão as igrejas preparadas para assimilar e nutrir os novos membros? De acordo com a grande comissão dada por Jesus, devemos ir, fazer discípulos, batizando-os e ensinando-os a obedecer todas as coisas que Ele ordenou. Temos estabelecido alvos de batismos, para conquistar novos crentes. Mas, temos nós estabelecido o alvo de lhes ensinar obediência aos mandamentos de Cristo, necessária para que se tornem discípulos? Para Dallas Willard, a falta desse ensino é “a grande omissão”.¹

Meu interesse pelo discipulado aumentou quando Gary Swanson, diretor associado de Ministério Pessoal e Escola Sabatina da Associação Geral, me pediu que avaliasse a utilidade e pertinência de uma lição da Escola Sabatina para adultos, sobre discipulado e assimilação de novos membros na igreja. Antes de iniciar essa tarefa, resolvi falar com alguns pastores a fim de saber o que eles consideravam ser desafios e necessidades dos novos crentes para se tornarem discípulos de Jesus e membros da igreja. Então, estabelecemos quatro grupos de pesquisa, durante os meses de junho a agosto de 2008, envolvendo dez Associações nos Estados Unidos.

O que encontramos?

As descobertas

Desafios dentro da igreja. Ao discutirmos as necessidades dos novos membros, nós os definimos como adultos que se tornam membros da Igreja Adventista Do Sétimo Dia, possuindo antecedentes estranhos a ela. Considere os desafios enfrentados por esses novos membros, enquanto eles transitam numa subcultura cuja visão frequentemente está em conflito com a sociedade. Os pastores dizem que eles querem ser aceitos e ter o sentido de pertencimento na

nova comunidade de crentes. E se perguntam: “O que é esperado de mim? O que fazem os adventistas?”

Semelhantemente ao que acontece quando alguém entra em uma nova cultura, eles imediatamente enfrentam a barreira da linguagem. Por exemplo: O que é lava-pés? Adra? Campais? Espírito de Profecia? Campori? O grande desapontamento de 22 de outubro? Educação cristã, e outras expressões?

Em todos os grupos, os pastores foram enfáticos: o maior desafio enfrentado pelos novos membros são os membros antigos, que um pastor chamou de “os antigos membros difíceis”. Ou, como disse outro, “eles necessitam da proteção dos santos”. Um terceiro pastor afirmou: “Em todas as igrejas que pastoreei, quando alguém apostatava, foi sempre porque algum membro antigo dificultou as coisas impondo ao novo crente regras legalistas desnecessárias.”

Aqui estão outras dificuldades enfrentadas pelos novos conversos, de acordo com os pastores: As expectativas deles podem se transformar em desapontamento. Por exemplo, durante uma campanha evangelística, eles eram o centro das atenções; mas, tão logo se uniram à igreja, se sentiram “negligenciados”. O estilo de vida adventista apresenta muitas novidades em termos de comportamento: Observância do sábado, doação regular de ofertas e dízimos, nova dieta, educação cristã e outras novidades. Algumas vezes, o novo converso enfrenta um conflito entre o que lhe foi ensinado e o que eles observam sendo praticado pelos membros antigos. Não raro, desavenças entre membros antigos também destroem a fé ainda frágil dos novos membros.

Desafios pessoais e domésticos. Entre os pastores escolhidos para a pesquisa, houve concordância em que recém-conversos trazem consigo muitos hábitos e vícios que necessitam e desejam vencer. Frequentemente, eles entendem que, com seu novo compromisso com Cristo e o batismo, sairão da água plenamente habilita-

dos a viver vitoriosamente. Contudo, para seu desapontamento, muitos descobrem que esse não é o caso.

Se o recém-converso é o único adventista em seu lar, certamente, pode enfrentar sérios desafios. Alguns também ainda têm que enfrentar os irmãos da antiga igreja que, tendo ouvido sobre a conversão deles ao adventismo, dizem: “Mas, o que você foi fazer?”, isso antes de lhes indicar os *sites* dissidentes e revoltosos da internet com toda a distorcida e falsa informação que eles contêm. Aliás, um pastor disse: “Acho que a internet é o problema número um”.

“Necessitamos investir mais no discipulado em adição à ênfase no evangelismo”

Necessidades

Tendo reconhecido os desafios enfrentados pelos novos membros, necessitamos nos perguntar: O que eles necessitam para que se tornem discípulos de Cristo e sejam assimilados na igreja? De acordo com as respostas dadas pelos pastores da pesquisa, as doutrinas precisam ser bem ensinadas aos recém-conversos; mas, também enfatizaram a necessidade de que eles, antes e acima de tudo, desenvolvam profundo e sadio relacionamento com Cristo. Consequentemente, eles se relacionarão bem com os irmãos de fé, seus familiares e amigos.

Relacionamento com Jesus. Alguns pastores disseram que o relacionamento com Jesus é a primeira e mais importante necessidade do novo crente. Um deles afirmou: “Eles se apaixonaram por Jesus, mas não sabem como traduzir essa experiência no dia a dia”.

Relacionamento com outros membros da igreja. Em mais de um grupo, alguém citou uma pesquisa, segundo a qual os novos membros devem fazer dois ou três amigos nas primeiras semanas de sua adesão à igreja, ou encontrar seis ou sete amigos dentro de seis meses; caso contrário, deixarão

de frequentá-la. Muitos concordaram em que os novos membros necessitam de um mentor, guardião espiritual, especificamente indicado pela igreja, alguém que tenha os dons de ensinar e de fazer amigos. Isso não deve ser feito durante pouco tempo, mas, pode durar seis meses, um ano ou mais.

Ao lado disso, eles necessitam aumentar gradualmente seu círculo de amizade, de modo que não sintam que perderam o que tinham antes do batismo, mas de fato ganharam muito mais. Precisam sentir que pertencem à família da igreja. Aceitar os novos membros como amigos parece coisa simples, até que você compreenda que membros antigos e novos vivem e funcionam em dois mundos separados.

A maior frustração revelada pelos pastores dizia respeito ao trato com as atitudes e o comportamento de alguns membros antigos em relação aos novos. Houve um consenso a respeito da importância de preparar a igreja para receber esses últimos. “Meu problema”, disse um deles, “é que a cultura que eu tenho procurado criar em relação ao evangelismo, a fase preparatória e as reuniões em si, é estranha à igreja. Nós dizemos que nossa principal tarefa é ganhar pessoas e nutri-las espiritualmente. As pessoas vêm para a igreja crendo nisso, mas pouco tempo depois percebem que a cultura da igreja não é essa. E ficam chocadas. Tudo o que fizemos em termos de evangelismo é um evento, não cultura da igreja.”

Relacionamento com a igreja institucional. Para pessoas que vêm para a igreja através de evangelismo público, a transição das reuniões evangelísticas para as programações regulares da igreja pode causar diferença não apenas nos relacionamentos pessoais como também no estilo de culto, lugar das reuniões e outros aspectos. Conforme o exemplo citado por um pastor, “as reuniões evangelísticas são totalmente diferentes das reuniões da igreja. São mais abertas, cantam-se corinhos animados. Então, as levamos para a igreja onde passam a cantar hinos tradicionais. Isso causa certo impacto.

Pastores de todos os grupos analisados expressaram a importância de envolver o novo membro em algum tipo de ministério. Eles precisam sentir que são necessários à igreja. Trabalhar com outros irmãos em algum ministério os ajuda a desenvolver naturalmente relacionamento interpessoal.

Relacionamento com família e amigos. Os pastores apresentaram dois tipos de instrução que os recém-batizados necessitam em relação à família e aos amigos. Primeiramente, eles precisam saber como explicar seu novo estilo de vida, justamente enquanto eles mesmos ainda estão aprendendo a implementá-lo ou ajustá-lo. Todas as questões envolvidas na observância do sábado imediatamente se tornam fonte de curiosidade, ou contratempo, para seus familiares e amigos. Há também as mudanças dietéticas e abstinência de álcool. Tudo isso afeta diretamente os relacionamentos.

Em segundo lugar, eles necessitam ser animados a levar seus amigos e familiares à igreja. “Capitalize sobre o fato de que eles têm amigos e familiares que se tornam campo evangelístico. Treine-os e os envolva na tarefa de partilhar a fé”, um pastor sugeriu.

Doutrinação

Com as necessidades relacionais, também discutimos os ensinamentos bíblicos e doutrinas em que os recém-batizados necessitam ser aprofundados, em seus primeiros anos como membros da igreja. Inicialmente, todos os grupos deviam listar assuntos como dizimo, observância do sábado, princípios de saúde, história da igreja, escatologia, santuário e espírito de profecia.

Porém, muito rapidamente, eles resvalaram para uma discussão sobre abordagem ou ênfase. Um deles fez a seguinte observação: “Quando estudamos sobre o Céu, milênio, inferno, aquelas doutrinas ‘quentes’, as pessoas querem falar dentro do contexto que elas veem nos filmes e na televisão. Nós não abordamos esses assuntos no contexto do que elas estão vendo”.

Falando sobre a relevância do culto, um pastor disse: “Aqueles trinta ou quarenta minutos que as pessoas dedicam para ir à igreja e ter um encontro com Deus, esses são momentos especiais porque elas estão esperando alguma coisa. Nós até podemos ter grande conhecimento da História e Teologia, mas se não aplicarmos a Palavra às questões da atualidade, não serão relevantes. E as pessoas dirão: ‘Isso foi agradável, mas não aprendi nada que tenha que ver com minha vida’”.

Um pastor fez este comentário: “Noto que muitos guias de estudo bíblico não estão fazendo as perguntas que as pessoas fazem. Estão fazendo perguntas que se ajustam ao texto; não às necessidades das pessoas. Elas se sentem quase ofendidas quando não fazemos questões difíceis de responder”.

Lições

Quando as pessoas fazem ou renovam seu compromisso de servir a Cristo, unindo-se à Igreja Adventista do Sétimo Dia, procedentes de outra denominação, ou mesmo sem ter professado anteriormente alguma religião, muitas delas experimentam uma transformação de sua mundivisão. Os comentários e narrativas dos grupos de pastores pesquisados reafirmam a dificuldade dessa mudança. Ao mesmo tempo, considerando que os novos membros enfrentam desafios familiares e relacionais, eles necessitam estabelecer novos relacionamentos com os irmãos de fé, bem como tempo para crescer em Cristo. O modo pelo qual a igreja responde a eles pode determinar se poderão ou não fazer isso através dessa difícil transformação.

A tragédia é que, muito frequentemente, os membros antigos da igreja não recebem os novos com muito entusiasmo nem lhes provêm o discipulado que eles necessitam. Na verdade, muitos oferecem apenas apatia e julgamento. Como disse um pastor, “os discipuladores necessitam ser discipulados”. Bill Hull, que investiu

mais de vinte anos no discipulado, diz que a própria igreja necessita ser evangelizada “para escolher a vida do discipulado”.² Para a Igreja Adventista, a escolha da vida do discipulado requererá mais que alguns seminários sobre “Como testemunhar” ou “Como receber bem os novos membros”. Em muitos casos, os membros antigos necessitam mudar a visão de um cristianismo sem Cristo para a de seguidores incondicionais de Jesus.

Paul Hiebert resumiu em um parágrafo tudo o que aprendemos com os quatro grupos de 41 pastores, objeto de nossa pesquisa:

“Devemos compreender que os novos conversos frequentemente experimentam ‘impacto de conversão’. Sua reação inicial é sempre de júbilo e euforia. Quando isso diminui, eles começam a difícil tarefa de pensar e viver como cristãos. Devem aprender uma nova linguagem, novos modelos de comportamento e de relacionamento. Em resumo, eles devem ser ‘enculturados’ em uma nova cultura e socializados em uma nova comunidade. Durante esse período, os novos conversos enfrentam períodos de dúvida e depressão. Questionam a decisão que tomaram, e alguns retornam às velhas crenças. Nesse tempo de reavaliação, o apoio da comunidade cristã é extraordinariamente importante. Quando indivíduos se convertem, não raro necessitam de um forte grupo de apoio. Somente os mais comprometidos mantêm a nova fé à parte do apoio da comunidade de fé.”³

Se nós, como Igreja Adventista, queremos ter êxito em assimilar e discipular novos membros pelos quais oramos e trabalhamos, necessitamos investir mais no discipulado em adição à ênfase no evangelismo. ■

Referências:

- ¹ Dallas Willard, *The Spirit of the Disciplines: Understanding How God Changes Lives* (San Francisco, CA: HarperSanFrancisco, 1990), p. 15.
- ² Bill Hull, *Choose the Life: Exploring a Faith That Embraces Discipleship* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 2004), p. a4.
- ³ Paul G. Hiebert, *Transforming Worldviews: An Anthropological Understanding of How People Change* (Grand Rapids, MI: Baker Academic, 2008), p. 331.



Professor no Seminário Teológico da Universidade Andrews, Estados Unidos

Sábados, festas e lua nova

Devem os cristãos hoje observar os festivais judaicos? Que relação têm eles com o descanso do sétimo dia semanal?

Que significado têm para os cristãos de hoje os festivais do Antigo Testamento? Como deve a teologia adventista, que reconhece a validade do sábado, ver as festas levíticas?

Ilustração: Thiago Lobo



Recentemente, argumentos favoráveis e contrários à observância daquelas festas têm sido apresentados em muitas igrejas. Portanto, o assunto deve ser abordado. Este artigo se propõe desenvolvê-lo em duas partes. A primeira examinará cinco argumentos geralmente empregados sobre a observância das festas: O valor pedagógico de sua interpretação tipológica, o proveito de lembrar a ligação histórica entre as festas de Israel e a proclamação cristã, o relacionamento entre as festas e o sábado, a relação entre festa da Lua Nova com o sábado, e o potencial para melhor relacionamento entre judeus e cristãos.

No trato de cada questão, a proposta é examinar os problemas levantados pela observância cristã das festas e discutir os argumentos opostos a tal prática. A segunda parte do artigo sugerirá direções a ser tomadas, com algumas aplicações práticas, para a vida da igreja.

Instrumento de ensino

Os festivais bíblicos estavam intimamente ligados ao sistema sacrificial. Os sacrifícios não eram simples rituais ou expressões culturais de fé; eram fundamentais para o significado dos festivais. Por exemplo, a festa da Páscoa tinha no cordeiro seu significado fundamental e razão de ser (Gn 12:3-10), não vice-versa. A Páscoa foi especificamente designada como lembrança do sacrifício do cordeiro oferecido no evento do Êxodo: a passagem de Deus pelo sangue do dilacerado animal, garantindo assim redenção (Êx 12:13). Essa ligação é tão forte que atualmente a Páscoa é identificada com o próprio cordeiro (2Cr 30:15).

Não somente a Páscoa, mas também todos os outros festivais giravam em torno dos sacrifícios em ligação com a expiação. Os textos bíblicos que tratam das festas estimulam o sacrifício de um bode como oferta pelo pecado, oferecida para fazer expiação em favor do povo (Nm 28:15, 22, 30; 29:5, 11, 28). No Novo

Testamento, os sacrifícios apontam para a vinda e função de Cristo Jesus, identificado como Cordeiro pascal (Jo 1:36; cf. 1Co 5:7), e todo o sistema sacrificial é visto como sombra de “coisas futuras” (Hb 10:1; cf. Cl 2:16, 17). Os sacrifícios transmitem uma mensagem profética sobre o processo da salvação: Deus viria e Se ofereceria em sacrifício para expiar o pecado e redimir a humanidade.

O efeito do sacrifício de Cristo é definitivo e perpétuo. Nesse sentido temos que compreender a frase “estatuto perpétuo por vossas gerações” (Lv 23:14). Ela não significa perpétua estipulação, senão isso significaria que ainda temos de fazer todos os sacrifícios. Na verdade, a mesma frase também é usada para os sacrifícios (Lv 3:17) e todos os outros rituais associados com o tabernáculo: abluções (Êx 30:21), vestes sacerdotais (Êx 28:43), lâmpadas (Êx 27:20, 21) e assim por diante.

Em outras palavras, o uso da expressão “perpétuo” não significa obrigação perpétua, mas deve ser compreendida dentro do contexto do templo, isto é, enquanto o templo permanecesse. Agora que os sacrifícios já não são necessários, por causa da ausência do templo e porque a profecia neles contida foi cumprida em Cristo, esses sacrifícios e os rituais a eles relacionados já não são obrigatórios. O tipo encontrou o Antítipo. Realizar sacrifícios com a ideia de que são compulsórios para nossa salvação torna irrelevante o Antítipo, o Messias.

A mesma expressão “perpétuo” é usada para o concerto da circuncisão (Gn 17:13). Acaso, significa que a circuncisão continua válida? Se esse fosse o caso, estaria em contradição com a recomendação dos apóstolos em Atos 15. Essas observações nos ajudam a compreender por que a expressão “perpétuo”, relacionada às festas bíblicas, não apoia a ideia de requerimento eterno.

Mas é precisamente essa função tipológica/profética das festas que inspira os que apoiam a observância

delas. Eles argumentam que a observância das festas ajudará os cristãos a obter maior e mais rica compreensão do plano da salvação. O profundo significado das festas já foi atestado no Novo Testamento; elas não somente comemoravam eventos passados de salvação, especialmente a saída do Egito e os milagres do Êxodo, mas também apontavam à salvação cósmica e escatológica.

Na verdade, é significativo que Jesus tenha morrido e ressuscitado durante o tempo da Páscoa, que Ele não apenas celebrava comemorando o Êxodo, mas também investido com o significado aplicado a Si mesmo (Mt 26:17-30). É também significativo o derramamento do Espírito, associado com a proclamação do evangelho às nações, durante o Pentecostes, tempo da colheita. Basicamente, as festas da primavera apontavam para o primeiro passo da salvação: a primeira vinda de Cristo, Sua morte, ressurreição e entronização à destra do Pai, e a expansão universal do concerto através da proclamação global do evangelho.

As festas do inverno apontavam para o segundo passo da salvação: o juízo no Céu e a proclamação das três mensagens angélicas sobre a Terra, preparando para a salvação cósmica e a segunda vinda de Cristo (Ap 14:6-13). Como Richard Davidson afirma: “As primeiras e as últimas festas do calendário cúllico de Israel parecem ligar a inauguração e a consumação da história da salvação de Israel, respectivamente”.¹ A progressão das festas no calendário anual, seguindo a progressão do plano histórico da salvação, tem sido usada como argumento em favor da adoção desses festivais como parte de nossa vida religiosa. Mas, a função pedagógica das festas não implica que elas sejam leis divinas para ser perpetuamente observadas.

Entretanto, permanece o principal problema: Devem aquelas festas ser observadas pelos cristãos hoje?

Ligação histórica

Uma função das festas era sua

aplicação à vida de Israel em Canaã. Quando o templo foi destruído e os judeus foram exilados, eles foram obrigados a criar e desenvolver novas tradições para observância das festas, adaptadas à situação do exílio, isto é, sem o templo e sem os sacrifícios. O fato de que Jesus e Seus discípulos também observaram os festivais e, depois, os primeiros cristãos (judeus cristãos), mesmo sem sacrifícios, sugere que não é inconcebível para os cristãos celebrarem tais festivais.

Todavia, esse exemplo não pode ser usado como argumento para justificar a celebração cristã dessas festas desde que Jesus e os cristãos primitivos se abstiveram não apenas das festas judaicas, mas também de outras práticas culturais e cerimoniais que não foram adotadas pelos cristãos gentios, conforme Atos 15. Ademais, os cristãos, especialmente os adventistas do sétimo dia, não têm uma tradição histórica de festivais mostrando como celebrá-los. Como, então, o fariam? Em que bases justificariam isso? A ideia de observar as festas tropeça no fato de que o sistema bíblico requeria oferecimento de sacrifícios no templo (Dt 16:5).

Sem apoio de tradição histórica e cultural, a observância de festivais levíticos está destinada a causar tensões e dissensões na igreja. Além disso, considerando que não existe nenhuma lei bíblica indicando como elas deviam ser observadas fora do templo, não há como produzir leis a esse respeito. Ángel Rodríguez adverte: "Aqueles que promovem a observância de festivais têm de criar sua própria maneira de celebrá-los e, nesse processo, criar tradições humanas que não estão baseadas na explícita expressão da vontade de Deus".²

Sábado e festas

A observância das festas pode também afetar nossa teologia do sábado. A Bíblia explica claramente a principal diferença entre as duas coisas. Os festivais não são como o sábado semanal. O sábado, como sinal, nos lembra a criação do Universo, sendo, portanto, eterno em sua re-

levância. Deus estabeleceu o sábado no fim da semana da criação, quando ainda não havia pecado na Terra e, conseqüentemente, nem sacrifícios nem festas. Diferente dos festivais, o sábado é parte dos dez mandamentos e foi dado a toda humanidade. De fato, sua origem antedata a entrega da Torá a Israel no Sinai (Êx 16:23-28).

"Realizar sacrifícios com a ideia de que são compulsórios para a salvação torna irrelevante o Messias"

Além disso, Levítico 23:3, 4, que registra os festivais junto com o sábado, sugere que existe uma diferença essencial entre as duas categorias de dias santos. Ali, o sábado é mencionado no início da lista. Então, os outros dias são relacionados sob a designação: "São estas as festas fixas do Senhor" (v. 4), sugerindo que o sábado pertence à outra categoria diferente de "festas". Embora o sábado também implicasse sacrifícios (Nm 28:9, 10), é significativo que a indicação de oferta pelo pecado, que sempre aparece relacionada aos festivais, esteja ausente na referência ao sábado. Essa clara distinção indica que a função dos sacrifícios no contexto do sábado é essencialmente diferente da função no contexto dos festivais.

O sábado difere não apenas de qualquer outro dia da semana, mas também de qualquer dia de festa. É digno de nota que essa diferença, e até a superioridade do sábado em relação aos festivais, é sistematicamente indicada na leitura litúrgica da Torá. No sábado, há mais participação nessa leitura do que em qualquer dia de festa. Igualar o sábado aos festivais é fundamentalmente errado e afeta o verdadeiro significado desse dia, finalmente comprometendo seu caráter obrigatório.

A compreensão de que o sábado difere dos festivais, e é mais importante

que eles, nos ajuda a compreender a natureza da ligação entre os dois mandatos. O fato de que Levítico 23 os relaciona juntos, embora destacando a diferença entre eles, sugere que o sábado é a coroa, o clímax dos festivais. Paradoxalmente, essa ligação especial contém uma lição sobre o valor relativo dos festivais e o valor absoluto do sábado. Em vez de levar à promoção da observância dos festivais, o estudo deles deve nos levar à maior compreensão, apreciação e experiência do sábado. Pois o sábado "é o fundamento de todo tempo sagrado",³ e assim contém e cumpre todos os valores e verdades sugeridos pelos festivais.

Sábado e Lua Nova

Entre as festas, a da Lua Nova ocupa apenas lugar secundário. Diferente de outros dias santos da Bíblia, essa festa nunca é qualificada como dia sagrado em que todo o trabalho era proibido.⁴ No período do primeiro templo, era relegada à condição de "semifesta", e sua observância desapareceu totalmente durante o período do segundo templo. Assim, na metade do quarto século, quando os sábios tinham estabelecido um calendário permanente, a proclamação do dia da Lua Nova foi descontinuada.⁵ A tradição judaica geralmente designa um papel "menor" para essa festa.⁶

Portanto, é surpreendente que a festa da Lua Nova tenha recebido renovada atenção ultimamente, por parte de alguns religiosos. Uma justificativa para isso é Isaías 66:23: "E será que, de uma Festa da Lua Nova à outra e de um sábado a outro, virá toda a carne a adorar perante Mim, diz o Senhor". Esse texto é usado para sugerir que a festa da Lua Nova será observada no Céu juntamente com o sábado. Mas, o texto em si não fala tanto da observância dos dois dias. Ele enfatiza a continuidade da adoração, uma característica da Nova Terra. Com esse propósito, o autor bíblico se refere a duas extremidades de tempo: "de uma... à outra"; "de um... a outro". O que esse texto realmente diz é que a adoração continuará como

uma atividade da eternidade – “de uma Lua Nova à outra”; “de um sábado a outro”, como se dissesse: de mês a mês, de semana a semana.

Uma segunda razão atualmente oferecida para a observância da Lua Nova é que a lua determina o dia de sábado. Com base em textos como Gênesis 1:14 e Salmo 104:19, os defensores dessa ideia argumentam que o sábado semanal estava originalmente ligado ao ciclo lunar. Realmente, esses dois textos relacionam à lua às estações (*mo'adim*). Desde que Levítico 23 inclui o sábado na categoria de *mo'adim* (estações, convocações; v. 2), e desde que a lua regula as estações (Gn 1:14), alguns concluem que ela também governa o sábado. Mas esse argumento suscita alguns problemas, incluindo os seguintes:

“O sábado contém e cumpre todos os valores e verdades sugeridos pelos festivais”

◆ O significado da palavra hebraica *mo'adim*. Ela se relaciona ao verbo *y'd* (Êx 30:36; 2Sm 20:5) cujo significado é “designar” um tempo ou lugar (2Sm 20:5; Jr 47:7). Então, *mo'adim* se refere a “designação”, “reunião”, “convocação” no tempo ou espaço. Agora, nem todas as convocações (*mo'adim*) são reguladas pela lua. Quando Jeremias (8:7) usa esse termo para se referir aos tempos de migração da cegonha e outros pássaros migratórios, ele não implica que a migração da cegonha seja governada pela lua, uma vez que ela volta regularmente à Palestina em toda primavera. *Mo'adim* simplesmente se refere a um tempo específico ou lugar designado por seres humanos (1Sm 20:35) ou por Deus (Gn 18:14), podendo ser semanal (1Sm 13:8), mensal e anualmente (Gn 17:21), ou mesmo profeticamente (Dn 12:7). Assim, não depende necessariamente da lua.

◆ A ideia de que o sábado depende da lua nova foi originalmente copia-

da da pressuposição histórico-crítica da influência de Babilônia sobre a Bíblia. De acordo com essa visão, o sábado foi originalmente tomado ou do costume babilônico sobre os dias lunares, dias proibidos associados às fases lunares, caindo nos dias 7, 14, 19, 21 e 28 do mês, ou do dia mensal de lua cheia (*shab/pattu*). Mas esse argumento não tem apoio na Escritura e já não é levado a sério pelos eruditos bíblicos.⁷

◆ A ideia de dependência do sábado da lua – colocando-o em qualquer dia da semana, dependendo do movimento desse satélite – contraria o testemunho da História. Primeiramente, contraria o testemunho dos judeus. Milhões deles têm guardado o sábado por milhares de anos, e essa prática nunca foi mudada nem perdida quer pelo calendário juliano, quer pelo gregoriano. A mudança apenas afetou o número de dias e não os dias da semana.⁸ Os judeus ainda guardam o mesmo sábado do sétimo dia, dado na criação, o mesmo dia ordenado no Sinai e observado por Jesus e os apóstolos, ou seja, nosso sábado. Essa é uma ideia baseada na especulação humana, assim como a tradição humana substituiu o sábado pelo domingo.

◆ O argumento de que o dia da crucificação de Jesus foi a Páscoa, ou seja, o 14º dia da lua nova (Êx 12:6) e, ao mesmo tempo, dia de sábado, não pode ser usado para apoiar a ideia de que o sábado depende da lua. De acordo com o testemunho dos evangelhos, Jesus foi crucificado no “dia da preparação” (sexta-feira) e não no sábado.

◆ O fato de que a função da lua começou no quarto dia da semana da criação (Gn 1:14-19) torna impossível identificar o sábado, estabelecido três dias depois, como um dia de lua.

Relacionamento judeu-cristão

A prática cristã dos festivais pode ser contraproducente para o relacionamento judeu-cristão. Os cristãos observadores dessas festas adotam tradições que pertencem a outra

cultura, mostrando-se artificiais e falsos. Também serão ofensivos aos judeus que percebem nesse empenho uma armadilha para convertê-los. Os cristãos que imitam os judeus na observância dos festivais, tendem a fazer isso no contexto da liturgia da igreja, envolvendo toda a comunidade, como um evento público. Desnecessário é dizer que essa adaptação é ofensiva aos judeus que, tradicionalmente, sempre celebraram as festas no lar, no círculo íntimo da família. Portanto, a reprodução cristã pode se tornar uma caricatura ou errônea interpretação; na melhor das hipóteses, uma pálida imitação do original. Em lugar de ser meio para alcançar judeus, as adaptações cristãs dos seus festivais podem afastá-los.

Por outro lado, a observância dos festivais pode aproximar os cristãos dos judeus, cujas tradições os primeiros têm sido ensinados a desprezar. Na verdade, o antisemitismo foi a principal motivação para o repúdio não apenas do sábado, mas também das festas. Aparentemente, pela observância dos festivais, os cristãos estariam fazendo não apenas uma declaração contra as vozes antisemiticas, mas também, ao mesmo tempo, produzindo uma forma de contextualização para alcançar os judeus. Todavia, a situação não é tão simples. A observância dos festivais encontra sérios problemas teológicos, culturais, éticos e práticos, diante dos quais devemos agir com reservas e bastante cuidado. (Continua) ■

Referências:

- ¹ Richard M. Davidson, *Symposium on Revelation-Book 1* (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 1992), v. 6, p. 120.
- ² Ángel M. Rodríguez, *Israelite Festivals and the Christian Church* (Silver Spring, MD: Biblical Research Institute, 2005), p. 9.
- ³ Roy E. Gane, *Shabbat Shalom* 50, n° 1 (2003), p. 28.
- ⁴ *Ibid.*, p. 414.
- ⁵ *The Oxford Dictionary of Jewish Religion* (Oxford: Oxford University Press, 1997), p. 591.
- ⁶ Irving Greenberg, *The Jewish Way* (Nova York: Simon & Schuster, 1993), p. 411.
- ⁷ Gerhard Hasel, *The Sabbath in Scripture and History* (Washington, DC: Review and Herald, 1982), p. 21, 45.
- ⁸ http://en.wikipedia.org/wiki/gregorian_calendar (acessado em 30/03/2009).



MISSÃO

Integrados na esperança

“A obra médico-missionária não deve em hipótese alguma ser divorciada do ministério evangélico. O Senhor declarou que os dois se acham tão intimamente ligados como o está o braço ao corpo”

Numa visão concedida a Ellen White, em 06/06/1863, na cidade de Otsego, Michigan, o Senhor tornou conhecidos os princípios de saúde que deviam ser adotados pela Igreja Adventista. Pouco mais de dois anos depois, em Rochester, no dia 25/12/1865, ela recebeu outra visão na qual, entre outras coisas, lhe foram dadas informações mais explícitas sobre a maneira pela qual a igreja devia coordenar a reforma de saúde com a mensagem do evangelho. Dessa última visão, brotou o entendimento de que Deus chamava a jovem igreja para avançar e estabelecer uma instituição adventista de saúde.

Havia riscos no caminho desse empreendimento e, de acordo com

Herbert Douglass, alguns pioneiros chegaram a ponderar: “Como podemos, com nossos recursos limitados, adquirir e administrar uma instituição de saúde?... A comissão... orou a respeito do assunto e disse: ‘Assumiremos o empreendimento, aventurando a fazer o que diz o testemunho, embora nos pareça uma carga pesada para erguermos’” (*Mensagem do Senhor*, p. 303, 304).

Superados os temores e apreensões iniciais, e em resposta ao veemente apelo de Ellen White, num sermão apresentado no sábado da assembleia da Associação Geral, em 19/05/1866, a liderança decidiu criar a instituição, que começou a funcionar no dia 5 de setembro, com o nome de Instituto Ocidental da Reforma

de Saúde. Ainda de acordo com Douglass, basicamente, a instituição devia ser financeiramente independente, embora seu objetivo não fosse o lucro, devia ser um centro de restauração emocional, manter elevados padrões espirituais e encaminhar os pacientes para “apreciar mais claramente as coisas eternas” (*Ibid.*, p. 304).

Dado aquele primeiro passo, atualmente a Igreja Adventista tem na promoção da saúde integral parte fundamental de sua mensagem, fazendo isso a partir do púlpito, no trabalho pessoal e nas instituições médicas espalhadas pelo mundo.

Missão inalterada

Desde então, o mundo mudou consideravelmente; a ciência

progrediu atingindo níveis talvez nunca imaginados. Há excelentes perspectivas relacionadas ao futuro. Apesar disso, a missão das instituições médicas adventistas continua a mesma: primordialmente, aliviar o sofrimento e curar o ser humano, procurando resgatá-lo para o reino de Deus. É certo que, ao priorizarem a salvação de homens e mulheres que procuram alívio para dores físicas e emocionais, essas instituições serão plenamente envolvidas pela bênção de Deus.

Ellen White é clara quanto à missão das instituições adventistas de saúde: “Toda instituição estabelecida pelos adventistas do sétimo dia deve ser para o mundo o que foi José para o Egito, e o que Daniel e seus companheiros foram para Babilônia... Cumpra-lhes ser representantes de Jeová... Iguamente devem as instituições estabelecidas pelo povo de Deus glorificar-Lhe o nome. O único modo pelo qual podemos satisfazer-Lhe a expectativa é ser representantes da verdade para este tempo. Deus deve ser reconhecido nas instituições estabelecidas pelos adventistas do sétimo dia. Por meio delas, a verdade para este tempo deve ser apresentada perante o mundo com poder convincente” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 6, p. 219, 220).

E mais: “A obra médico-missionária não deve em hipótese alguma ser divorciada do ministério evangélico. O Senhor declarou que os dois se acham tão intimamente ligados como o está o braço ao corpo. Sem essa união, parte alguma da obra é completa. A obra médico-missionária é o evangelho ilustrado” (*Conselhos Sobre Saúde*, p. 524).

“Cumpra-nos trabalhar tanto pela saúde física, como pela salvação da pessoa. Nossa missão é a mesma de nosso Mestre, de quem está escrito que andou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo. Acerca de Sua própria obra, diz Ele: ‘O Espírito do Senhor Jeová está sobre Mim, porque o Senhor Me ungiu para pregar boas novas aos mansos.’

‘Enviou-Me a curar os quebrantados de coração, a apregoar liberdade aos cativos, e dar vista aos cegos; a pôr em liberdade os oprimidos.’ Ao seguirmos o exemplo de Cristo, de trabalhar pelo bem dos outros, despertaremos o interesse deles no Deus a quem amamos e servimos” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 6, p. 225).

“Temos de animar os doentes e sofredores a olharem a Jesus, e viver. Mantenham os obreiros a Cristo, o grande Médico, constantemente diante daqueles a quem a doença física e espiritual levou ao desânimo. Encaminhai-os Àquele que é capaz de curar tanto a doença do corpo como a da alma. Falai-lhes dAquele que Se comove diante de suas enfermidades. Animaí-os a se colocarem sob o cuidado do que deu Sua vida a fim de tornar possível que eles tenham a vida eterna. Falai de Seu amor; falai de Seu poder para salvar” (*A Ciência do Bom Viver*, p. 144).

“Na providência do Senhor posso ver que a obra médico-missionária deve ser uma grande cunha de penetração por meio da qual a pessoa enferma pode ser alcançada” (*Conselhos Sobre Saúde*, p. 535).

Operação impacto

Esse propósito tem impulsionado as instituições de saúde no território da Divisão Sul-Americana, tornando marcante a participação delas no “Projeto Esperança”. Rotineiramente, equipes formadas por médicos, enfermeiros e capelães dessas instituições realizam atividades tais como visitas em apartamentos, com o objetivo de levar conforto e esperança aos pacientes e familiares, ou eventos como semanas de prevenção de acidentes, orientação familiar, qualidade de vida, entre outros temas, buscando alcançar fornecedores, amigos da instituição, familiares e seus pacientes. É importante ressaltar que há um aparelho de TV em cada aposento, através do qual é possível sintonizar a Rede Novo Tempo com suas mensagens de esperança. Algumas equipes atuam

em programas de saúde nas diversas igrejas, durante os fins de semana.

Contudo, com o “Projeto Esperança”, o trabalho tem se tornado agradavelmente intenso. Desde a primeira investida, em 2008, com a experiência adquirida a cada participação, os servidores desse ministério têm se envolvido no projeto, com disposição, eficiência e criatividade, a fim de cumprir seus ideais. Exibição de DVDs institucionais e contendo orientações sobre saúde, exposição de *outdoors*, distribuição dos livros e revistas contendo a mensagem da bendita esperança são algumas das formas de participação.

Neste ano, todos estiveram unidos ao projeto “Tempo de Esperança”, utilizando os mesmos recursos audiovisuais e distribuição de literatura contendo mensagens específicas a respeito do sábado, como tempo especial de esperança dentro do plano de Deus para que o homem possa desfrutar comunhão plena com Ele.

Os resultados estão aparecendo. Pessoas têm se mostrado dispostas a estudar a Palavra de Deus e os capelães se mobilizam para estabelecer classes bíblicas. Em alguns hospitais, elas já estão em pleno funcionamento, alcançando servidores não adventistas, pacientes e respectivos familiares. Batismos numericamente expressivos também têm sido realizados.

Não há dúvida de que Deus está concedendo às instituições adventistas de saúde da Divisão Sul-Americana, oportunidade áurea de participar de um projeto que oferece, de maneira simples, atraente e eficaz, um convite de esperança e salvação a pessoas que delas necessitam. Isso está bem de acordo com o conselho de Ellen White: “Em todos os seus departamentos, nossos sanatórios [hospitais] devem ser monumentos a Deus, instrumentos Seus para semear a semente da verdade no coração” (*Testemunhos Para a Igreja*, v. 6, p. 225, 226).

Sob a direção e o poder de Deus, e a inspiração do Espírito Santo, a missão será cumprida para Sua honra e glória. ■



No tribunal dos homens

O que dizem a Bíblia e os escritos de Ellen G. White sobre o envolvimento de adventistas em demandas judiciais

No mundo atual, as pessoas são levadas a ter vida socialmente ativa, interagindo com outras pessoas e até mesmo com instituições. Inserido nessa realidade, o cristão se vê diariamente em contato com os efeitos colaterais do pensamento liberal predominante no mundo ocidental, onde as-



pirações cada vez mais secularistas e materialistas levam indivíduos a ferir o patrimônio espiritual (consciência), psíquico-emocional (moral) e material (bens) alheio, em razão de extremadas condutas antissociais e anticristãs.

Os adventistas do sétimo dia não estão imunes a tais dissabores, considerando que, para eles, além dos estímulos naturais de conflito social, acrescenta-se a peculiaridade das doutrinas professadas e praticadas, surgindo a partir daí situações que requerem seguras respostas às seguintes perguntas: Pode o adventista demandar judicialmente? Em que hipóteses, e como, isso deve ocorrer?

Este artigo pretende ajudar aqueles que se virem numa situação de conflito, ou que necessitem orientar membros da igreja com vistas a decidir o que, como e quando fazer alguma coisa acerca do tema.

Palavra inspirada

Da Palavra de Deus e dos escritos proféticos, é possível extrair alguns textos que servem de guia para o estudo desse assunto e seus desdobramentos. O plano de Deus para o homem foi que esse jamais conhecesse o mal (Gn 3:3) nem fosse parte ativa ou passiva em qualquer conflito. No entanto, a partir do pecado, teve início um processo de degradação do comportamento humano, dando causa à providência divina para que houvesse uma estrutura de solução de conflitos bem como leis claras que regulassem o convívio civil e religioso do povo, conforme se lê em todo o livro de Levítico.

* O estabelecimento de tais leis veio acompanhado do estabelecimento de tribunais e de agentes que os dirigissem para aplicação dessas leis: os chamados juízes, com a função de investigar, apurar e decidir quanto à contenda surgida, fosse essa no tocante a questões religiosas ou sociais (civis). O relato bíblico demonstra que, de acordo com cada época, esse papel teve titulares diversificados: sacerdotes (Dt 17:9), reis (1Rs 3:28), príncipes, chefes de tribos (2Cr 19:8),

profetas, ou mesmo cidadãos comuns foram ao longo do tempo encarregados de julgar, tendo Deus orientado quanto ao dever de agirem com equidade (Dt 25:2) e integridade, buscando sempre a verdade e a paz como meios de promoção da justiça, que é um dos atributos do caráter de Deus.

O tempo passou e, com a separação entre Igreja e Estado, também se separou a competência de regular, fiscalizar e promover meios de pacificar conflitos insurgentes, ficando a Igreja com a prerrogativa de regular conflitos de ordem estritamente religiosa, e o Estado com a tutela dos interesses civis, para isso estabelecendo leis de aplicação geral e compulsória visando a dirimir os litígios ameaçadores da paz social.

Embora se saiba que o pano de fundo de todo litígio seja o grande conflito entre o bem e o mal, a Bíblia demonstra a infinita sabedoria de Deus no trato com o tema, ao identificar as hipóteses de que esse conflito gere demandas de naturezas distintas, delineando para cada uma delas a postura do cristão.

Conflito entre crentes

O texto de 1 Coríntios 6:1-8 apresenta alguns princípios de observância essencial para resolver conflitos entre cristãos:

- ◆ O cristão deve evitar promover demanda judicial contra seus irmãos de fé (v. 6).

- ◆ Evitar contendas que possam gerar qualquer litígio contra seus irmãos de fé (v. 7).

- ◆ Deve ser paciente e tolerante, quando for vítima de injustiça ou dano por parte de seus irmãos de fé¹ (v. 7).

- ◆ Evitar causar qualquer injustiça ou dano que possam levar seus irmãos de fé a sofrer demanda judicial (v. 8).

Depois de observar esses princípios, eventuais conflitos que persistam devem ser levados à igreja,² a quem a Bíblia e os escritos de Ellen G. White atribuem autoridade judicial interna,³ exclusiva para solução

de conflitos entre os da família da fé: “Contendas, discórdias e processos entre irmãos são uma desgraça para a causa da verdade. Os que envieram por esse procedimento expõem a igreja ao ridículo de seus inimigos, e fazem que triunfe a causa dos poderes das trevas. Dilaceram de novo as feridas de Cristo, expondo-O à ignomínia. Desprezando a autoridade da igreja, mostram desprezo a Deus, que conferiu autoridade à igreja.”⁴

Outras declarações confirmam o mesmo princípio bíblico de que os conflitos entre cristãos devem ser tratados entre eles, nunca se recorrendo a estranhos.⁵ Aqui, devem ser ressaltados os casos extremos, possuidores destas características:

- ◆ Notória repercussão pública e implicação social.

- ◆ Casos cujo tema e seus desdobramentos extrapolem os limites de atuação da Igreja.⁶

- ◆ Casos diante dos quais a igreja decline do exercício de sua autoridade judicial interna e, por razões de consciência, os envolvidos julguem necessário, depois de observados os passos de reconciliação previstos em Mateus 18:15-21,⁷ buscar ajuda externa.

Em tais hipóteses e no intuito de preservar sua pureza e integridade, a Igreja admite que seja o conflito levado às autoridades legais. Tal admissão não fica configurada nas hipóteses em que o membro rejeita a conciliação e decide demandar judicialmente em aberta rebeldia ao conselho pacificador da igreja.⁸

Crentes e descrentes

Em relação a conflitos entre cristãos e não cristãos, podemos extrair significativos princípios a partir de alguns textos bíblicos:

- ◆ O cristão deve evitar promoção de demanda judicial contra os que não partilham da mesma fé (Pv 25:8);

- ◆ Deve evitar qualquer contenda em relação aos que não fazem parte da família da fé (Rm 12:18);

- ◆ Deve ser paciente e tolerante quando for vítima de injustiça ou da-

no, por parte dos que não partilham a mesma fé (Mt 5:40);

◆ Evitar causar qualquer injustiça ou dano aos que não são da mesma fé (Mt 5:25) e observar sempre a ordem bíblica, levando sua causa primeiramente a Deus (Is 41:21), o Supremo juiz, depois à Igreja (para aconselhamento e orientação).

◆ Finalmente, em último caso depois de seguidos em passos, é admitido que eventuais conflitos persistentes sejam levados aos tribunais e juizes seculares (Dt 19:17), legalmente constituídos (1Pe 2:13, 14).

Quando se pensa na hipótese de um conflito somente entre pessoas descrentes, a Bíblia estabelece como princípio o não envolvimento de cristãos em conflitos alheios (1Pe 4:15).

“Devemos reconhecer a importância de se garantir o respeito aos direitos humanos fundamentais”

Outros princípios

A Palavra de Deus prevê ainda alguns princípios de aplicação geral para os cristãos, na hipótese de envolvimento em demandas. Podemos resumir-nos nos seguintes termos: Em todas as hipóteses possíveis, o crente deve preferir a solução pacífica, priorizando a arbitragem e a composição amigável do litígio.⁹ O crente deve zelar pela verdade, e sempre que for chamado a prestar declarações em juízo (Êx 23:2), deve fazê-lo cômico de sua dupla responsabilidade ao ser juramentado.¹⁰

Jamais o cristão deve agir com favoritismo, preferência ou discriminação, em face de qualquer demanda, assim como jamais deve aceitar suborno (Dt 16:19). Estando em posição de autoridade, ele deve ser íntegro e justo no exercício de sua função (Lv 19:35; Dt 16:18). “Unicamente homens estritamente temperantes e íntegros devem ser admitidos em nossas assembleias legislativas e escolhidos para presidir nossas cortes de justiça. As propriedades, a reputação

e a própria vida se acham inseguras quando deixadas ao juízo de homens intemperantes e imorais.”¹¹

O cristão deve reconhecer que há conflitos cuja solução está além do alcance humano. Também deve reconhecer e obedecer às leis civis e as sentenças judiciais decorrentes de sua aplicação, desde que essas não contrariem os princípios da Palavra de Deus (Dt 17:11). Quando as leis dos homens se chocam com a Palavra e a lei de Deus, cumpre-nos obedecer a estas, sejam quais forem as consequências.¹²

Especialmente os adventistas do sétimo dia devem reconhecer a importância de se garantir o respeito aos direitos humanos fundamentais,¹³ como mecanismo de garantia de liberdade religiosa, dispondo-se a não violá-los e protegendo-os contra todo tipo de violação, utilizando para isso todos os meios formalmente adquiridos em Lei, tudo fazendo equilibradamente, em atento respeito e testemunho cristãos diante das pessoas.

Quando necessitar de ajuda especializada em direito, a Igreja ou qualquer de seus membros deverão procurá-la junto a pessoas que, antes de qualquer atributo, compartilhem da mesma fé. Jamais devemos ameaçar levar alguém a juízo como forma de provocação ou coação.¹⁴

Também devemos reconhecer que nunca é tarde para desistirmos de uma eventual demanda já iniciada, caso seja comprovado nosso erro, buscando nesses casos reparar danos causados a outras pessoas, evitando a extensão do mal.¹⁵

Responsabilidade cristã

Assim como aconteceu nos dias dos profetas Isaías (Is 59:4) e Habacuque (Hc 1:2, 3), o mundo, a Igreja e os fiéis clamam por justiça. Sabemos que esse clamor somente encontrará satisfação quando nosso Supremo juiz e advogado retornar à Terra. Até então, devemos ser achados entre os pacificadores, aqueles que tudo fazem e suportam para não se tornarem a causa comissiva ou omissiva de envolvimento em qualquer demanda judicial.

Porém, é certo que, enquanto aqui vivermos, seremos provados no tocante a esse assunto. Diante das prováveis hipóteses de conflitos ou demandas judiciais que possam surgir, a Palavra continua sendo o guia seguro para nossas ações e a fonte de respostas para nossos questionamentos. ■

Referências:

¹ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 3, p. 299, 300.

² *Manual da Igreja*, 2005, p. 191.

³ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, v. 1, p. 390.

⁴ *Ibid.*, v. 2, p. 84.

⁵ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 3, p. 299.

⁶ *Manual da Igreja*, 2005, p. 191.

⁷ *Ibid.*, 192.

⁸ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 3, p. 302, 303.

⁹ *Manual da Igreja*, 2005, p. 191.

¹⁰ Ellen G. White, *Testemunhos Seletos*, v. 1, p. 73.

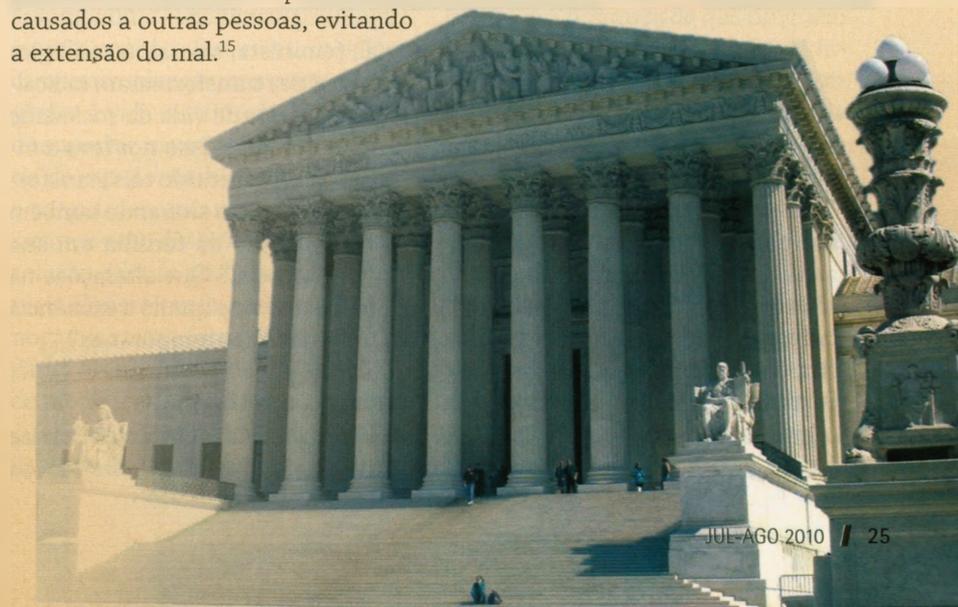
¹¹ _____, *Temperança*, p. 47.

¹² _____, *Testemunhos Seletos*, v. 1, p. 72.

¹³ *Declarações da Igreja* (Tatui, SP: Casa Publicadora Brasileira), p. 74.

¹⁴ Ellen G. White, *Mensagens Escolhidas*, v. 3, p. 301, 302.

¹⁵ *Ibid.*, p. 304, 305.





Reitor do Salt e diretor de Espírito de Profecia na Divisão Sul-Americana

A família entre cinco revoluções

Para que tenhamos uma sociedade honesta e justa, precisamos de mais pessoas que trabalhem efetivamente pela reconstrução do núcleo familiar



A história das civilizações e da cultura revela que comunidades compostas por famílias bem estruturadas tendem a prosperar, ao passo que a desintegração do núcleo familiar pode gerar o colapso do sistema social de convivência. Mas, as mudanças na estrutura social acabam afetando também a vida familiar.

Nos últimos duzentos anos, várias correntes ideológicas e comportamentais deixaram suas marcas sobre a estrutura social da civilização ocidental. As revoluções indus-

trial, feminista, sexual, tecnológica e cibernética transformaram radicalmente o estilo de vida da sociedade em que vivemos. Isso nos leva a indagar: Em que sentido tais transformações acabaram alterando também a configuração da família em sua estrutura social? Que alterações na família estão ameaçando a existência da sociedade contemporânea?

Revolução industrial

Nas comunidades agropecuárias e artesanais da era pré-industrial, os

membros da família em geral trabalhavam e se divertiam juntos. Era na família que as novas gerações aprendiam valores culturais e habilidades profissionais. O convívio entre pais e filhos tendia a unir a família através de fortes laços afetivos. Mesmo ainda não dispondo das comodidades da vida moderna, o senso de pertencer a uma família bem estruturada gerava em seus componentes a segurança necessária para enfrentar os desafios da vida comunitária.

A transformação de sociedades pré-industriais em industriais foi um processo que iniciou no fim do século 18, na Inglaterra, e que logo se espalhou pela França, Alemanha e outros países ocidentais. O impacto desse processo acabou dividindo o mundo em países ricos (industrializados) e países pobres (não industrializados). Entre os dois extremos oscilam os países emergentes, que começaram a se industrializar mais tarde, em grande parte, com a implantação de indústrias multinacionais originárias dos países ricos.

O processo de industrialização do trabalho gerou mudanças na vida social e familiar. Proprietários e administradores dos monopólios industriais e comerciais da época conseguiam dar às suas famílias maior comodidade, conforto e projeção social. Já a classe trabalhadora era muitas vezes explorada por longas jornadas de trabalho e pagamento quase insignificante pelos serviços prestados. Essa classe tinha dificuldades para sustentar uma família composta de vários filhos, especialmente se estes ainda não tivessem idade para trabalhar. Lutas trabalhistas aumentaram, mais tarde, os direitos dos empregados, dando-lhes melhores condições de vida e maior poder aquisitivo.

Nas comunidades pré-industriais, os membros da família partilhavam do trabalho, em atividades agropecuárias ou mesmo artesanais. Mas, a revolução industrial tirou do lar a figura do “chefe de família”, e também gerou separação entre o sistema familiar de vida e o sistema industrial de trabalho. Com a desapropriação das terras e a formação de grandes monopólios industriais, muitas famílias se mudaram para a cidade, onde pais e filhos pudessem trabalhar para conseguir o sustento.

Trabalhando entre doze e catorze horas por dia, e morando distante da indústria, os membros da família quase não dispunham de tempo para estar juntos. Tal convívio era prejudicado ainda mais quando o pai era convocado para a guerra, e nela morria. Nesse caso, o sustento da família ficava por conta da mãe e dos filhos. Crianças órfãs ou filhos de famílias pobres eram obrigados a trabalhar em serviços insalubres e perigosos, como nas minas de carvão ou nas próprias fábricas.

Se a sociedade industrial e de consumo facilitou a aquisição de recursos e de bens, ela também passou a valorizar mais a produtividade industrial coletiva do que o desenvolvimento pessoal do ser humano. Sob o novo paradigma industrial de trabalho, pais e filhos muito se distanciaram do convívio doméstico.

Revolução feminista

A família começou a assumir nova configuração também sob o impacto da revolução feminista. Embora as mulheres formassem geralmente a metade da população (e em alguns casos até mais) das diferentes regiões do mundo, até o século 18, elas eram discriminadas pela sociedade, e sua voz nem sempre era ouvida na comunidade. Consideradas inferiores aos homens, não tinham direito ao voto nem acesso à educação superior.

Ainda no fim do século 18, mulheres francesas começaram a lutar em favor do cuidado de pessoas desprotegidas na sociedade da época. Nos Estados Unidos, um dos mais importantes marcos no início do movimento feminista foi a primeira convenção sobre os “direitos da mulher” realizada em Seneca Falls, Nova York, em agosto de 1848. Nessa época, mulheres ativistas americanas lutavam contra os problemas sociais da escravidão e da intemperança. Para elas, a abstinência de bebidas alcoólicas ajudaria os maridos a poupar o dinheiro gasto com bebida e também a ser menos violentos em casa. Sem muito espaço para suas reformas, elas passaram a buscar, posteriormente, maior influência social através do direito ao ensino superior e ao voto político.

Entre as décadas de 30 e 40, o movimento feminista americano lutava pela igualdade salarial em relação aos homens. Com a publicação da obra de Betty Friedan, intitulada *The Feminine Mystique* (1963), o movimento assumiu uma consciência psicológica autenticamente feminista, mas logo começou a advogar uma postura antagônica à vida matrimonial. Cansadas de suportar maus tratos ou negligência do esposo machista, rude, omissivo e preguiçoso, muitas mulheres passaram a ver o divórcio como a melhor solução para os problemas matrimoniais. Considerando o casamento monogâmico uma forma de escravidão para a mulher, militantes mais radicais do movimento chegaram a se declarar publicamente anti-homem, antifamília e pró-lesbianismo.

A revolução feminista contribuiu para diminuir a exploração da mulher e para que ela tivesse os mesmos direitos profissionais e sociais do homem. Ingressando no mercado de trabalho, a mulher tem ajudado a equilibrar o orçamento familiar, especialmente nos casos de desemprego do marido. Com sua sensibilidade, atuando na vida pública, ela tem contribuído para tornar o mundo mais humano.

Mas a revolução feminista, em seu modo mais radical, acabou também inibindo o interesse pela maternidade em muitas mulheres. Mesmo entre as que ainda aceitavam a maternidade, a função da mãe dentro do lar se restringiu quase que somente à gestação, sem muito interesse pela educação pessoal dos filhos nos primeiros anos da infância. Se a revolução industrial afastou o pai, a revolução feminista afastou a mãe do convívio familiar. Com isso, os filhos foram confiados aos cuidados de babás, outros familiares, ou creche.

Revolução sexual

Uma terceira corrente que se demonstrou a mais erosiva para a família, foi a revolução sexual. No início do século 20, filosofias humanistas começavam a encarar os valores morais da abstinência sexual fora do casamento como meros “tabus” religiosos que deviam ser abandonados para que o ser humano pudesse atingir sua plena liberdade psicossocial. Com uma postura cada vez mais existencialista, muitas pessoas passaram a viver sob a premissa de que ninguém tem o direito de legislar como os indivíduos devem satisfazer seus impulsos sexuais. O “amor” começou a ser visto como não mais necessitando do compromisso social imposto por uma certidão de casamento.

No prefácio da obra de James R. Petersen, intitulada *The Century of Sex*,¹ Hugh M. Heffner identifica “três fatores vitais” que contribuíram para o despertar sexual americano no início do século 20. Ao se mudarem das áreas rurais para as cidades, as pessoas de moralidade

mais rígida foram “libertadas” pelo processo de urbanização. Segundo, novas formas de transporte permitiram que as pessoas se “aventurassem” em lugares mais distantes de seus círculos sociais. Terceiro, o surgimento da comunicação de massa fez com que os sonhos sexuais se tornassem “visíveis”.

Mas o processo de liberalização do comportamento sexual atingiu seu clímax com a contracultura das décadas de 60 e 70. Revoltados com a cultura da época, especialmente com a Guerra do Vietnã, muitos jovens americanos aderiram ao lema: “Faça amor, não guerra”. Deixando a família, muitos deles passavam a viver em afastadas colônias de *hippies*, encontrando no sexo, nas drogas e na música *rock’n roll* o ambiente propício para extravasar suas paixões carnisais.

Por essa mesma época surgiram, nos Estados Unidos e em alguns países europeus, movimentos em favor dos direitos dos homossexuais. Na década de 90, cada vez mais pessoas admitiam publicamente que mantinham relações homossexuais. Diante da crescente onda de infidelidade matrimonial e do sexo sem restrições, estudos comprometidos com a psicologia evolucionista pretendem justificar, com base nas características genéticas e nas constituições hormonais de cada indivíduo, a tendência ou não ao liberalismo sexual.² Assim, o ser humano acaba não mais sendo considerado responsável pelo seu desenfreado comportamento sexual.

A revolução sexual contribuiu para desmitificar o velho erro teológico de que sexo é pecado, mesmo dentro do casamento, se não for para mera procriação. Ajudou a criar a nova consciência de que a mulher não é apenas objeto de prazer sexual para o homem. Além disso, os contraceptivos desenvolvidos a partir de 1960, quando a pílula começou a ser comercializada nos Estados Unidos, ajudaram a reduzir o número de filhos por família e a deter a explosão demográfica.

Mas, essa revolução também trouxe consigo sérios problemas sociais.

Sem o amparo socioeconômico provido por um casamento legal, um número crescente de “mães solteiras” recorria aos próprios pais em busca de ajuda, para elas e para as crianças que geravam. Muitos desses pais, que já haviam criado a própria família, foram obrigados a reassumir as funções paterna e materna, em uma idade agora bem mais avançada, e sem o devido planejamento para isso.

Porém, muitas mães solteiras não possuíam pais nem familiares dispostos a ampará-las. Diante disso, o governo do respectivo país foi obrigado a buscar soluções efetivas para o problema. Recursos da verba pública foram injetados em serviços médicos, creches e até em programas de assistência a “famílias monoparentais” (onde um ou mais filhos vivem só com a mãe ou só com o pai). Ao mesmo tempo em que os meios de comunicação de massa estimulam o sexo extraconjugal, programas governamentais visam a educar as novas gerações, não tanto à abstinência sexual antes do casamento, como à prática “segura” do sexo, sem riscos de gravidez ou de contaminação com doenças sexualmente transmissíveis.

Se as revoluções industrial e feminista distanciaram os membros da família, a revolução sexual contribuiu para que muitas famílias ruíssem, principalmente nos países desenvolvidos, popularizando o conceito de que casamento monogâmico não passa de um velho e ultrapassado tabu. A busca desenfreada de satisfação sexual, sem qualquer preocupação com valores morais e implicações sociais, tem limitado a liberdade e o direito de escolha das novas gerações. Os adeptos da revolução sexual optaram por buscar para si mesmos a liberdade de não se casarem, ignorando o direito dos seus filhos de nascerem em uma família bem estruturada.

Revolução tecnológica

A revolução tecnológica exerceu grande impacto sobre a vida em família. A invenção e o aperfeiçoamento das máquinas fotográficas

e filmadoras permitem registrar e perpetuar momentos significativos da família. O desenvolvimento de modernos equipamentos médico-cirúrgicos tem contribuído para solucionar muitos problemas de saúde. Modernos meios de transporte têm permitido que as famílias viajem com mais frequência.

Mas, uma das maiores contribuições tecnológicas de todos os tempos foi o desenvolvimento da indústria de plásticos, especialmente a partir do início do século 20. Com o tempo, muitos utensílios domésticos passaram a ser produzidos em plástico, a um custo bem mais baixo do que o de similares feitos em metal. Embora a durabilidade dos plásticos fosse, geralmente, menor do que a dos metais, muitas famílias com menor poder aquisitivo foram beneficiadas por esses produtos.

A popularização dos produtos de plástico ou papel reflete a ideologia mais profunda do transitório e do descartável, característica de uma sociedade que enfatiza mais o “ter” do que o “ser”. Na nova sociedade de consumo, produtos como fraldas, mamadeiras, coadores de café, passaram a ser usados uma só vez e, depois, jogados no lixo. A durabilidade de lâminas de barbear, peças de eletrodomésticos e automóveis diminuiu muito, incentivando a substituição periódica, de forma a alimentar um complexo industrial-comercial paralelo de reposição de peças. Cursos de economia e de produção industrial passaram a enfatizar a “obsolescência planejada”, de modo a induzir pessoas a comprar novos modelos dos mesmos produtos que haviam adquirido anteriormente.

Na era do transitório e do descartável, o desejo de ter o “novo” acabou levando o ser humano a romper com tudo aquilo que se considerava de natureza permanente, incluindo a família. As novas gerações têm-se tornado cada vez mais descomprometidas em seu relacionamento com as coisas materiais e também com os seres humanos. Famílias ricas, prin-

principalmente nos Estados Unidos, preferem que os idosos pais fiquem em um asilo, do que com elas. Espera-se também que os filhos, ao atingirem a adolescência, deixem o lar, mesmo que ainda não estejam casados. Em lugar de compromisso sério com namoro ou noivado, muitos jovens preferem o prazer descomprometido do “ficar” (namoro que pode durar apenas um encontro).

Como se isso não bastasse, a ideologia existencialista do transitório e do descartável acabou estimulando também a chamada “cultura do divórcio”. Barbara D. Whitehead declara que “o divórcio é hoje parte da vida diária americana. Ele se encontra infiltrado em nossas leis e instituições, em nossas maneiras e costumes, em nossos filmes e shows de televisão, em nossos romances e livros de histórias infantis, e em nossos relacionamentos mais íntimos e importantes”.³

Terezinha Féres Carneiro esclarece que “o casamento deixou de ser uma função social para se tornar uma fonte de gratificação pessoal”.⁴ Como resultado, muitos casais que não conseguem resolver seus problemas de relacionamento optam por desfazer a família através de um divórcio que lhes permita escolher um “novo” cônjuge. Embora alguns autores existencialistas ignorem grande parte dos efeitos negativos do divórcio sobre a família, estudos revelam que o divórcio dos pais, em muitos casos, acaba gerando nos filhos instabilidade psicossocial, baixa autoestima, insegurança quanto ao futuro, e outros problemas.

A revolução tecnológica também alterou os efeitos da revolução industrial sobre a família. Se a revolução industrial fez com que os pais deixassem de trabalhar em casa para servir na indústria, a revolução tecnológica, com sua ênfase na substituição do homem pela máquina, acabou “devolvendo” às famílias muitos pais desempregados. Na tentativa de remediar a situação, muitos conseguiram ser reabsorvidos em outros empregos, e alguns, pelo menos, acabaram estabelecendo pequenas em-

presas familiares que lembram, em certo sentido, o trabalho em família da era pré-industrial. Não são poucos os casos em que pais desempregados, e sem formação educacional para ingressar em outros setores do mercado de trabalho, acabam perdendo a própria família diante de uma inevitável crise financeira.

Revolução cibernética

Outro fator que alterou o relacionamento familiar, especialmente das classes média e alta, foi a revolução cibernética, ou seja, o desenvolvimento dos meios de comunicação nas últimas décadas, marcado pelo surgimento, nos anos 60, de computadores ligados em rede com propósitos militares. Os quartéis americanos controlavam, via rede, informações secretas que eram enviadas em pacotes a vários terminais, e se juntavam em um terminal específico. Se os russos interceptassem algum pacote de informações, os outros podiam ser salvos.

Na década de 80, surgiram algumas redes acadêmicas de computação nos Estados Unidos. No início da década de 90, a internet surgiu como instrumento de comunicação mundial. A estrutura de divulgação de informações, controladas até então apenas por grandes empresas, tornou-se acessível principalmente às classes média e alta. Um mundo fantástico de informações, as mais diversas, algo sem precedente na história humana, está hoje disponível àqueles que têm acesso ao “www” (World Wide Web).

A revolução cibernética também afetou a família. No aspecto positivo, ela facilitou a comunicação entre os membros da família, quando distantes, a um custo bem inferior ao de uma chamada telefônica internacional ou à longa distância. Contribuiu também para que os membros de muitas famílias trabalhem e estudem em casa, através de diferentes redes de computação, sem necessidade de se deslocarem com tanta frequência como antes. Isso gerou na família

maior senso de “convivência virtual”.

Porém, a internet acabou despersonalizando, em certo sentido, o relacionamento familiar. Às vezes, mais tempo é dedicado à exploração de sites, recebimento e envio de *e-mails*, do que ao diálogo com familiares. Pais ocupados são também tentados a pedir que os filhos naveguem na internet, em lugar de gastar tempo com eles. Até casamentos virtuais têm sido realizados através de videoconferências.

Além disso, o relacionamento sexual de muitos casais e os instintos sexuais de muitos filhos têm sido desvirtuados pelo envolvimento com o chamado “cibersexo” ou “sexo virtual”. No anonimato do “ciberespaço” da internet, o indivíduo escolhe como satisfazer seus instintos sexuais, com menos riscos e implicações sociais do que se envolvendo com um parceiro fora do casamento. Mas o sexo virtual acaba despersonalizando o impulso sexual do indivíduo e também “minimizando”, em muitos casos, a mútua atração sexual dos cônjuges.

As cinco revoluções aqui consideradas desencadearam correntes ideológicas e comportamentais que têm corroído, em grande parte, a base familiar da sociedade contemporânea. Para construirmos uma sociedade honesta e justa, é preciso resolver, antes, os problemas de relacionamento familiar, minimizando, tanto quanto possível, os efeitos negativos dessas revoluções sobre a família.

O mundo precisa hoje de mais famílias bem estruturadas, que sirvam de modelos a ser imitados pelas novas gerações. Precisa também de mais pessoas que trabalhem pela reconstrução do núcleo familiar. Afinal, a sociedade só poderá ser restaurada genuinamente, restaurando-se, primeiro, a própria família. ■

Referência:

¹ James R. Petersen, *The Century of Sex: Playboy's History of the Sexual Revolution* (Nova York: Grove Press, 1999).

² Robert Wright, *Time*, 15/078/1994, p. 26, 34.

³ Barbara D. Whitehead, *The Divorce Culture* (Nova York: Alfred A. Knopf, 1997), p. 3.

⁴ Thais Oyama e Lizia Bydlowski, *Veja*, 22/03/200, p. 120, 125.



Cientista do Instituto de Pesquisa em Geociência, Loma Linda, Califórnia

Dinossauros

Oferecem a Bíblia e os escritos de Ellen G. White alguma base para a crença na existência desses estranhos animais?

Anos atrás, depois de terminar uma palestra para universitários e profissionais liberais, fui abordado por um pastor. Ele me pediu que tentasse convencer a esposa dele sobre a existência dos dinossauros. Ela era professora e se recusava a ensinar os alunos sobre esse tema. Compreendi que atrás daquela negativa havia uma luta para compreender o mistério que deixa perplexas algumas pessoas e fascina outras: Como explicar a passada existência (e extinção) dos dinossauros, num contexto bíblico?

A negação da existência dos dinossauros tem se tornado mais difundida do que gostaríamos de admitir, mesmo considerando nossa sociedade científica com pesquisas altamente avançadas em todas as áreas, incluindo geologia e paleontologia. Essas ciências parecem fora de lugar em nossas instituições educacionais e raramente são consideradas por nossos

jovens na escolha de sua carreira profissional. Como cristão e paleontólogo, tenho que enfrentar diariamente a noção de uma evolução biológica envolvendo milhões de anos e posso compreender que algumas pessoas temem ser envolvidas por uma filosofia contraditória às Escrituras.

Entretanto, é possível estudar fósseis, rochas e evolução, sem renunciar à fé. Nossa apreciação da beleza e do mistério da criação da Terra e sua história subsequente depende em grande parte de como e o que professores e pastores estão ensinando nas igrejas e escolas.

No museu e na TV

Se você já visitou um museu de história natural, provavelmente viu grandes esqueletos de dinossauros. Também pode ter visto reproduções animadas em que, no caso de documentários da televisão, eles parecem vivos e reais. Ao assistir a tais animações, o espectador deve conside-

rar alguns detalhes. Primeiramente, devemos aceitar que os dinossauros existiram por um período de tempo na Terra e que, em certos lugares, eles pareciam numerosos. Paleontólogos têm encontrado evidências de sua existência em todos os continentes, incluindo Antártica. Essas evidências incluem ossos, ovos, tocas e pegadas. Rastros e pegadas são abundantes e não podem ser associados a nenhuma outra criatura fora do que conhecemos como dinossauros.

Em segundo lugar, devemos saber que os esqueletos encontrados em museus não são tipicamente reais, mas réplicas. Os ossos originais são muito valiosos e delicados para ser expostos ao público; portanto, são armazenados em lugares mais seguros. Além disso, os esqueletos dos museus são ajuntamentos de réplicas de ossos de várias espécies oriundas de lugares distantes. Os paleontólogos são capazes de compor a

arquitetura do corpo dos dinossauros, embora não possam ter todos os elementos da mesma criatura. Assim, as réplicas encontradas nos museus são razoavelmente confiáveis. Entretanto, animações vistas na TV são mais especulativas, especialmente no que tange à cor, fisiologia, comportamento e assim por diante.

Desaparecimento

Na coluna geológica, vestígios de dinossauros aparecem em camadas de rochas que os paleontólogos chamam de Triássico, Jurássico e Cretáceo. Essas camadas sedimentadas, amontoadas uma sobre a outra, mostram características específicas, incluindo as de certas espécies fósseis como moluscos, répteis, peixes, dinossauros e organismos microscópicos (diatomácea, algas) que habitaram os oceanos. Alguns paleontólogos creem que os dinossauros, bem como outros grupos de animais e plantas, desapareceram subitamente em consequência do impacto de um meteorito gigante 65 milhões de anos atrás. Outros duvidam disso, por várias razões.

Muitos cientistas criacionistas acreditam que os dinossauros desapareceram junto com outras espécies, durante o dilúvio universal descrito em Gênesis. Esse cenário poderia incluir atividade de um meteorito resultando em tsunamis, atividade vulcânica e emissão de dióxido de carbono, sulfeto e outros elementos químicos prejudiciais a plantas e animais. Portanto, a ideia de um meteorito impactando a Terra não é necessariamente incompatível com o modelo bíblico do dilúvio.

Apesar da falta de consenso entre os cientistas sobre a causa do desaparecimento dos dinossauros, a mídia e a imprensa pseudocientífica decidiram que a teoria do impacto do meteoro é a única explicação válida. Isso está longe da realidade. Os dinossauros desapareceram, mas não sabemos exatamente quando nem por quê. Entretanto, a possibilidade de sua extinção durante o dilúvio do

Gênesis (com ou sem impacto) pode ser vista como hipótese científica plausível e merece consideração.

Convivência com humanos

Muito tem sido escrito e falado sobre certas evidências que supostamente mostram dinossauros e seres humanos juntos. Elas incluem o que é interpretado como pegadas de humanos e dinossauros, quadros pré-históricos em cavernas e cerâmicas, em que figuras humanas aparecem junto a criaturas excepcionais muito semelhantes às atuais reconstruções desses répteis gigantes. Mas, estudos científicos têm mostrado que esses traços têm sido mal interpretados.

Analisemos, por exemplo, os alegados sinais de “humanos” e dinossauros encontrados no leito do Rio Paluxy no Texas. Poucas décadas atrás, cientistas proclamaram que essa era uma segura evidência contra a teoria da evolução e prova da ocorrência de um dilúvio universal. Intrigados por essa afirmação, vários cientistas evolucionistas e criacionistas estudaram detalhadamente as marcas encontradas nas rochas. Nesse lugar específico, o leito e a margem têm muitas marcas por causa de erosão. Através das marcas deixadas sobre a rocha, causadas pela circulação da água, podemos distinguir se o traço do dinossauro é verdadeiro ou falso.

Há também estudos feitos em laboratório. Se uma marca é autêntica, deve mostrar as camadas achatadas de sedimento rochoso sob ela, por causa do peso do animal. Para testar essa deformação característica, cientistas cortaram transversalmente a marca e não observaram presença dela. Concluíram que o molde não se tratava de real pegada humana, mas resultava de erosão pela natureza ou forjada pelo homem. Estudos posteriores mostraram que tais “marcas” e desenhos foram deliberadamente colocados por fanáticos defensores da coexistência de humanos e dinossauros, acarretando, assim, zombaria e rejeição no mundo acadêmico.

Na Bíblia

O relato da criação em Gênesis 1 fala de um Deus que criou vida marinha bem como pássaros no quinto dia; e o restante dos animais, no sexto dia. Embora os répteis sejam citados, os dinossauros não são mencionados, o que não deve nos surpreender; afinal, nos dias de Moisés, a palavra “dinossauro” não existia, nem ele estava obrigado a mencioná-los. Ele também não mencionou outros grupos de animais como, por exemplo, besouros, tubarões, estrelas-do-mar.

O fato de a Bíblia não citar os dinossauros pelo nome não prova que Deus não os tivesse criado; muito menos a estranha aparência deles. Hoje existem muitos animais tão estranhos como os dinossauros – observe o ornitorrinco e o canguru – que não atraem muito a atenção. Algumas pessoas creem que os dinossauros surgiram como resultado da maldição depois do pecado de Adão e Eva, mas a Bíblia não emite luz sobre isso, nem identifica explicitamente os animais que mudaram como resultado do pecado nem qual foi o tipo de mudança.

Muitos cientistas criacionistas acreditam que os dinossauros desapareceram durante ou logo após o dilúvio. Mas, a Bíblia também não nos dá indícios sobre o destino deles. Por causa desse silêncio bíblico, o fato de que os dinossauros desapareceram durante uma catástrofe mundial conhecida como dilúvio é uma hipótese que deve ser considerada através de pesquisa científica. A comprovação de tal hipótese deve ser feita através de dados geológicos e paleontológicos, não por forçar a Bíblia a dizer o que ela não diz.

Finalmente, há quem pense que os dinossauros sobreviveram ao dilúvio, mas logo desapareceram por não se terem adaptado ao novo ambiente. Essa é outra possibilidade, pois havia dinossauros na arca e, talvez, tenham desaparecido durante a colonização pós-diluviana. A Bíblia menciona duas estranhas criaturas: *beemote* (Jó 40:15-18) e *leviatã* (Jó

41:1), que alguns interpretam como possíveis exemplos dos dinossauros pós-diluvianos. Entretanto, a maioria dos eruditos não aceita essa explicação, e esses termos são geralmente traduzidos respectivamente como hipopótamo e crocodilo. Não estão relacionados aos dinossauros.

Ellen White

O termo dinossauro foi usado pela primeira vez em 1842, pelo zoólogo inglês Richard Owen, para nomear um grupo de fósseis répteis então descobertos. O uso do termo se expandiu enquanto novas descobertas aconteciam na Europa e América do Norte. No tempo em que Ellen White escreveu suas primeiras declarações sobre criação, dilúvio, ciência e fé (1864), o termo dinossauro já era comum nos livros e revistas. Entretanto, ela nunca usou esse termo nem qualquer outra palavra similar para se referir a esses répteis extintos.

Numa breve declaração, em 1864, ela escreveu: “Todas as espécies de animais que Deus criou foram preservadas na arca. As espécies confusas que Ele não criou, e que foram resultado de amálgama, foram destruídas no dilúvio”.¹ Essa é uma declaração favorita entre alguns adventistas para os quais ela explica os organismos extintos, incluindo dinossauros, bem como fósseis com características intermediárias, também conhecidos como fósseis em transição, ou seja, aqueles que, de acordo com a teoria da evolução, mostram mistura de características entre dois grupos de animais ou plantas considerados consecutivos no tempo. Exemplo disso são os répteis parecidos com mamíferos, considerados um degrau intermediário na evolução.

Muitas pessoas leem nessas palavras o que nós conhecemos como engenharia genética, indicando que, nos tempos antediluvianos as pessoas praticavam acasalamento híbrido, resultando em estranhas formas biológicas.

Entretanto, essa interpretação apresenta problemas. O primeiro é a dificuldade para definir o que Ellen

White quis dizer com “amálgama”. Estudos mais profundos sobre a declaração não têm dado uma resposta definitiva, e concluímos que ainda não sabemos exatamente o significado desse termo.

Um segundo problema é a aplicação de “amálgama” a casos reais no registro fóssil. Se “amálgama” significa “híbrido”, como poderíamos reconhecer esse fenômeno entre os fósseis ou entre animais e plantas dos nossos dias? Como poderíamos determinar que espécies eram híbridas antes do dilúvio, se elas realmente já existiam? Alguns respondem a essa pergunta dizendo que as espécies híbridas não sobreviveram ao dilúvio, precisamente porque Deus não quis. Mas, esse raciocínio é um círculo vicioso falho porque o critério que usamos para diferenciar os híbridos (extinção) é o mesmo que usamos para definir o que gostaríamos de diferenciar (híbridos). Em outras palavras, amálgamação explica seu próprio desaparecimento, e seu desaparecimento define o que são eles.

Ellen White continua dizendo que “desde o dilúvio tem havido amálgamação de homens e bestas, como pode ser visto em variedades quase infindáveis de espécies de animais”.² Em primeiro lugar, é importante enfatizar que ela diz “amálgamação de”; não diz “amálgamação entre” como alguns interpretam. Em segundo lugar, se amálgamação significa formas intermediárias, híbridas ou criaturas estranhamente formadas, qual é o critério para reconhecê-las? Se essas foram formadas depois do dilúvio, provavelmente se tornaram fósseis, e outras teriam sobrevivido até agora. Como podemos diferenciá-las entre si e de outros organismos vivos que não são híbridos? Ellen White não dá indícios sobre isso.

No mesmo texto, ela estabelece que lhe foi mostrado “que animais muito grandes e poderosos existiram antes do dilúvio, e não mais existem agora”.³ E também disse em outro texto que “houve uma classe de animais que pereceram no dilúvio. Deus sabia que a força do homem diminui-

ria e esses mamutes não poderiam ser controlados por homens fracos”.³

Entre outras, essa declaração a respeito da vida antes do dilúvio sugere que a profetiza estava se referindo à existência de uma ampla variedade de animais que não sobreviveram na arca. Entretanto, não estamos seguros quanto ao significado da declaração; não sabemos o que eram esses “animais muito grandes e poderosos”. Porém, suas palavras não estão longe da descrição científica dos dinossauros. Falando biologicamente, eles são um tanto confusos, não apenas porque alguns são gigantes, mas também partes do seu corpo (pernas, pescoço, cauda, cérebro) são, em alguns casos, desproporcionais.

A verdade é que muitas pessoas têm lutado para encontrar declarações de Ellen White apoiando a ideia de que os dinossauros não foram criados por Deus, mas resultaram de amálgama antes do dilúvio, sendo, portanto, condenados ao desaparecimento na catástrofe universal. Essa pode ser uma possibilidade, mas, depois de minucioso estudo de seus escritos, não encontramos apoio inequívoco para essa conclusão.

A Escritura não menciona a existência de dinossauros, pelo menos como nós os compreendemos, nem antes nem depois do dilúvio. Ellen White também não os menciona, e não estamos absolutamente seguros quanto ao significado de sua afirmação referente a “animais muito grandes”. Porém, isso não representa evidência de que eles não existiram. Ao contrário, as evidências disso são claras: ossos, dentes, ovos, pegadas e impressões. Mas, em algum ponto da história, eles desapareceram. Sua origem e seu desaparecimento estão envolvidos num mistério que requer cuidadoso e rigoroso estudo. E isso não compromete nossa fé nos ensinamentos bíblicos. ▀

Referências:

¹ Ellen G. White, *Spiritual Gifts* (Battle Creek, MI: SDA Publishing, 1864), v. 3, p. 75.

² *Ibid.*, p. 35.

³ *Ibid.*, p. 92.

⁴ *Ibid.*, v. 4, p. 121.



NÚCLEO DE MISSÕES & CRESCIMENTO DE IGREJA

CONHEÇA O NUMCI

De acordo com o professor Berndt Wolter, há três anos, está em funcionamento o Núcleo de Missões e Crescimento de Igreja, Numci, sob responsabilidade do Seminário Teológico do Unasp, Engenheiro Coelho, SP.

Como o próprio nome indica, o Numci realiza várias atividades nas áreas de missões e crescimento de igreja, envolvendo treinamento de missionários que desejam partilhar o evangelho em áreas ou segmentos sociais considerados difíceis, no Brasil e fora dele, com resultados expressivos. Exemplo disso foi o trabalho realizado por teologandos na África e que resultou em mais de 900 batismos. Atualmente, existem 25 missionários enviados pelo Numci aos campos mundiais. Ainda neste mês de julho, uma equipe está se deslocando para a Malásia.

No Brasil, o Numci presta assessoria na área de crescimento de igrejas a Campos e congregações. Além disso, há empreendimentos missionários em ação nos territórios das Uniões Centro-Oeste e

Central-Brasileiras, visando a alcançar comunidades indígenas, no caso da Ucob, e intelectuais pós-modernistas na região de Campinas. Esse trabalho é realizado em parceria com a UCB e a Associação Paulista Central, utilizando recursos como distribuição de literatura, pequenos grupos e testemunho por estudantes universitários. Ainda neste ano, será estabelecida a Escola Adventista de Discipulado.

Outras informações sobre o Numci e como obter seus serviços estão no site <http://www.numci.org>

NOVOS CAMPOS NA DSA

O acelerado crescimento da Igreja na Divisão Sul-Americana, com frequência, tem exigido alterações administrativas e geográficas em alguns Campos. Diante disso, a partir de 2011, a Missão Sergipe-Alagoas será desmembrada, possibilitando a criação da Missão Sergipe e da Missão Alagoas. A atual Missão Costa-Norte, compreendendo os estados de Ceará e Piauí, passará a funcionar com o status de Associação. Essas decisões foram tomadas durante a Comissão Diretiva Plenária da DSA, realizada em maio deste ano. A mesma Comissão aprovou a criação de uma comissão especial para avaliar a possibilidade de reorganizar o território da Associação Argentina Central.

Imagens: Divulgação DSA



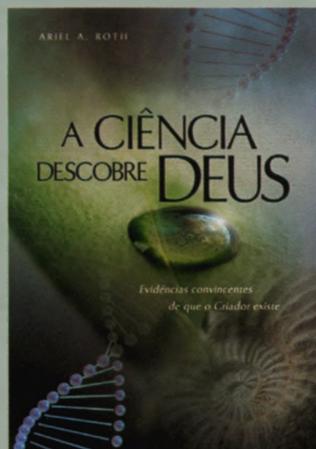
AMIGOS DA ESPERANÇA

Depois dos eventos "Impacto esperança", "Lares de esperança" e "Tempo de esperança", em 2011, a igreja sul-americana será envolvida no projeto "Amigos de esperança".

Esse projeto estabelece que, no dia 16 de abril daquele ano, cada adventista leve um amigo para assistir ao culto em uma igreja. Isso significa ter aproxima-

damente dois milhões de visitantes num sábado, nas congregações adventistas espalhadas pelos oito países da América do Sul.

De acordo com o pastor Erton Köhler, presidente da Divisão Sul-Americana, "é um projeto simples, ousado, relevante e econômico, que pode envolver todos os membros da igreja em sua missão".



A CIÊNCIA DESCOBRE DEUS

Ariel Roth, Casa Publicadora Brasileira, Tatuí, SP, 0800 970606; 272 páginas.

Será que um Designer criou nosso Universo, ou este evoluiu de maneira espontânea? Pode a ciência ser objetiva e, ao mesmo tempo, admitir a possibilidade de que Deus existe? Isso faz diferença? Em face de tanta evidência que parece exigir um Deus para explicar o que vemos na natureza, por que a comunidade científica permanece em silêncio sobre o Criador? Deus existe? Essa pergunta simplesmente não vai desaparecer, e a própria ciência está oferecendo a resposta.

A PROCLAMAÇÃO DA ESPERANÇA

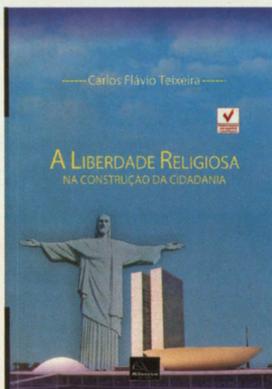
Russell Burrill, Núcleo de Missões e Crescimento de Igreja, Unasp, Engenheiro Coelho, SP; tel. (19) 3858-9055, www.numci.org.br, 316 páginas.

Evangelismo é a mola propulsora da igreja. É sua missão e razão de existir. Como igreja, tudo o que fazemos deve convergir para a evangelização e salvação de pessoas para o reino de Deus. Sistema de saúde, educação, publicações e núcleos congregacionais existem para evangelizar. Sendo assim, a todos os que estão envolvidos na causa do evangelismo, ou para ela estão se preparando, este livro representa um grande recurso motivador e orientador.



A LIBERDADE RELIGIOSA NA CONSTRUÇÃO DA CIDADANIA

Carlos Flávio Teixeira, Millennium Editora Ltda., Campinas, SP, tel. (19) 3229-5588, editora@millenniumeditora.com.br, 156 páginas.



Neste mundo em que muitos tipos de violência têm sido praticados em nome da religião, onde estaria o equilíbrio para o exercício de uma cidadania plena no âmbito das liberdades de caráter religioso? Essa é a pergunta motivadora deste livro, cujo autor pretende que seja uma contribuição prática, útil para apontar medidas jurídicas equilibradas que se prestem a evitar extremos e, ao mesmo tempo, possibilitem a qualquer pessoa a efetividade de todos os direitos religiosos garantidos pela constituição.

VEJA NA INTERNET www.imagensbiblicas.hpg.ig.com.br



Não há dúvida de que a comunicação visual atrai a atenção, facilita a compreensão, multiplica a retenção da mensagem, além de acrescentar (geralmente) a beleza plástica que complementa e enriquece um texto lido ou falado. Por isso, são louváveis os esforços e disposição de artistas e comunicadores que liberam suas ilustrações na internet. O site destacado nesta oportunidade reúne milhares de imagens bíblicas e gifs animados. Basta clicar num link, à esquerda da tela, para abrir uma página com 36 ilustrações e, em seguida, fazer o download da escolhida. Não deixe de ilustrar seus sermões e palestras. – Márcio Dias Guarda



Bruno Raso

Secretário ministerial da Divisão Sul-Americana da IASD

Não lave as mãos

Organismos de saúde envolvidos na prevenção da gripe A e outras doenças transmitem a mensagem: Lave as mãos permanentemente. Conforme os bons costumes e os evangelhos, é indispensável comer tendo mãos limpas. Considerando que a maior contaminação é a interior, necessitamos de mãos limpas a fim de cumprir o sagrado encargo recebido.

Porém, há um aspecto simbólico relacionado à lavagem das mãos, cujo maior protagonista foi Pôncio Pilatos. Contemporâneo de Jesus, Pilatos foi nomeado para representar Roma, dirigindo Samaria, Judeia e Idumeia, vivendo num luxuoso palácio construído por Herodes na costa mediterrânea. Sua falta de valor foi demonstrada ao julgar Jesus, em quem percebeu a verdade, e não teve coragem para fazer o que devia ser feito. Ao lavar as mãos, desperdiçou a grande oportunidade de sua vida e tristemente patenteou a expressão “lavar as mãos” como símbolo de falta de compromisso, determinação e coragem.

Vivemos num tempo em que muitos lavam as mãos diante de situações e tarefas

que exigem ação, desqualificando-se desse modo a criticar Pilatos. Lavamos as mãos quando nos movemos lentamente, desprovidos do sentido de urgência em direção ao Lar. Lavamos as mãos quando deixamos que milhares continuem avançando no erro, sem que nos mobilizemos a resgatá-los. Lavamos as mãos quando pastoreamos negligentemente a família e a igreja.

As seguintes sugestões ajudarão a nos mantermos longe da prática da omissão, sem lavarmos as mãos, no momento certo de agir:

- ◆ Não franqueie o púlpito a um pregador desconhecido nem à apresentação de qualquer tema. Organize um calendário de pregação que inclua sermões cristocêntricos, bíblicos e doutrinários.

- ◆ Não negligencie a liderança e coordenação dos pequenos grupos, e dirija um deles. Reúna-se mensalmente com seus líderes de pequenos grupos.

- ◆ Dê estudos bíblicos a seus próprios interessados, acompanhando algum irmão, dirigindo uma classe bíblica, fazendo uma campanha evangelística de dois meses ou uma semana de colheita.

- ◆ Pastoreie as ovelhas. Cuide delas, visite-as, busque-as, alimente-as e as conduza.

- ◆ Dirija suas comissões jamais perdendo o foco principal de todas as atividades da igreja: cumprimento da missão e crescimento eclesial. Além de todas as necessidades locais e regionais, o único problema da igreja é que Cristo ainda não voltou. Orar e trabalhar tendo isso em mente é nosso trabalho.

- ◆ Não lave as mãos pelos que deixaram a igreja. Organize um plano para resgatá-los.

- ◆ Não lave as mãos deixando que o próximo pastor enfrente os problemas difíceis, diante dos quais você sabe o que deve fazer.

- ◆ Não lave as mãos pensando que seu conhecimento, suas ideias, experiência e opinião pessoal o habilitam a desprezar o programa da Igreja. Aproveite uma estratégia de conjunto que integra todas as áreas, otimiza recursos, alivia a carga, facilita o trabalho, possibilita impacto e multiplica resultados

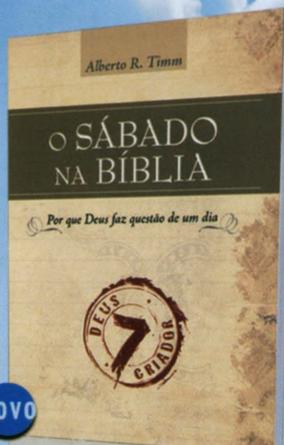
– uma estratégia que economiza tempo e energia, abate o individualismo e alinha todos em oração e ação para o cumprimento da missão. Depois de tudo, você pode adicionar certo sabor pessoal e local ao programa, lembrando que suas ideias já foram integradas ao plano geral.

Sempre acreditamos que, em algum dia, voltaremos aos tempos primitivos da igreja, saindo da rotina e fazendo acontecer sinais e prodígios. Por que não agora, conosco? Vamos aceitar com alegria nosso privilégio e, com seriedade, nossa urgente responsabilidade. Não lavemos as mãos! Assumamos nosso compromisso com a missão da igreja, orando, pregando, visitando, treinando, discipulando e mobilizando. Sejam testemunhas e participantes dos grandes eventos de conversões milagrosas; sejamos protagonistas da forte e definitiva pregação da tríplice mensagem angélica. ▀

“Sempre acreditamos que, em algum dia, voltaremos aos tempos da igreja primitiva, saindo da rotina e realizando milagres. Por que não agora?”

Conteúdo para fortalecer sua fé

Alimento espiritual para você e sua família



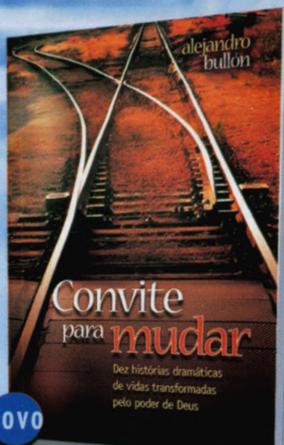
Por que Deus faz questão de um dia?

Cód. 12095



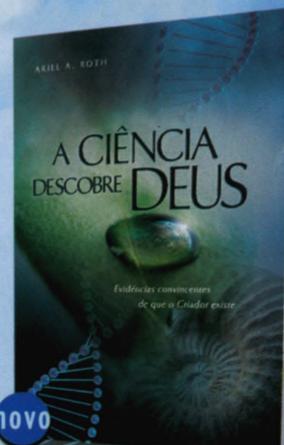
Como uma igreja pode perder sua utilidade e relevância?

Cód. 11767



Dez histórias dramáticas transformadas de vidas pelo poder de Deus

Cód. 11070



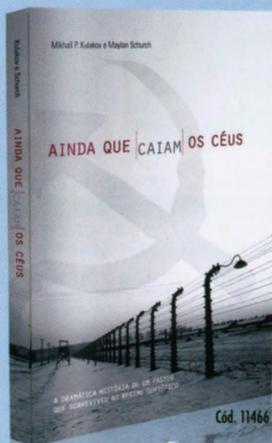
Evidências convincentes de que o Criador existe

Cód. 10410



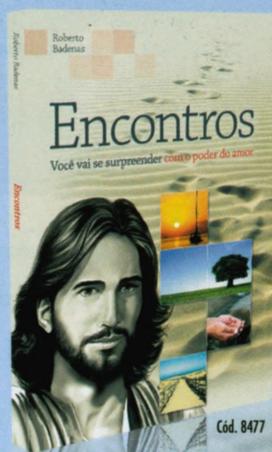
Um guia prático para o povo de Deus

Cód. 11876



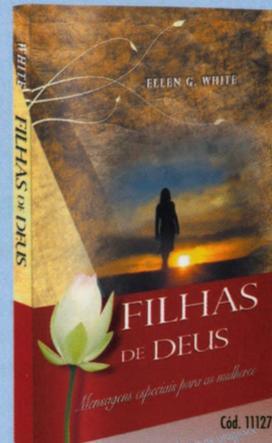
A dramática história de um pastor que sobreviveu ao regime soviético

Cód. 11466



Você vai se surpreender com o poder do amor

Cód. 8477



Mensagens especiais para as mulheres

Cód. 11127

Para adquirir, ligue: 0800-9790606*, acesse: www.cpb.com.br, ou dirija-se a uma das Lojas da CASA ou SELS.

*Horários de atendimento: Segunda a quinta, das 8h às 20h / Sexta, das 7h30 às 15h45 / Domingo, das 8h30 às 14h.

